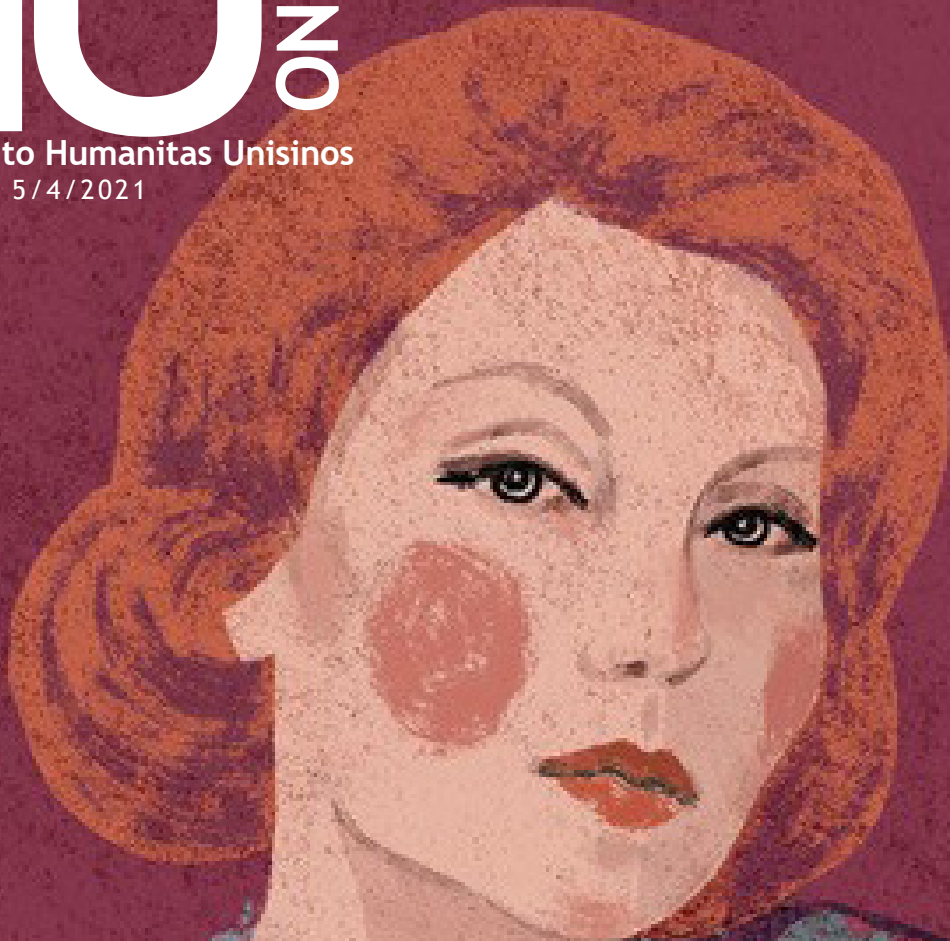


IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 547 | Ano XXI | 5/4/2021

 IESUITAS BRASIL



Clarice Lispector

Uma literatura encravada na mística

**Faustino Teixeira Yudith Rosenbaum
Eduardo Guerreiro Losso Maria Clara Bingemer
Evando Nascimento**

Clarice Lispector. Uma literatura encravada na mística

A revista **IHU On-Line** retoma sua publicação periódica com um número dedicado a Clarice Lispector, fazendo memória aos mais de 100 anos do nascimento da escritora, completados em dezembro de 2020. A escritora morreu um dia antes de completar 57 anos em decorrência de um câncer. A edição conta com a curadoria de convidados e a colaboração do Prof. Dr. Faustino Teixeira, que também é o coordenador do evento Curso Livre Clarice Lispector: todas as crônicas, entre outros.

É, justamente, **Faustino Teixeira**, professor convidado da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, onde foi professor titular até 2017, que discute os caminhos enigmáticos da mística na literatura clariciana.

Eduardo Guerreiro Losso, professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, apresenta uma abordagem da dimensão mística na cultura, buscando entender suas complexidades para além do reducionismo, não raras vezes, pobre de uma espiritualidade vulgarizada.

Para o professor **Evando Nascimento**, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, a literatura de Clarice Lispector traz à baila temas sobre os quais a tradição europeia acabou negligenciando um debate

mais profundo, dentre eles a relação entre o humano e o não humano.

Yudith Rosenbaum, psicóloga e professora na Universidade de São Paulo - USP, propõe uma leitura crítica a partir da psicanálise sobre a literatura clariciana e mostra como seus textos nos convidam a pensar em nós mesmos como outros.

Por fim, **Maria Clara Bingemer**, professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, discute e analisa os encontros com Deus e com a espiritualidade expressos nas obras de Clarice Lispector.

A edição ainda apresenta a publicação no Cadernos de Teologia Pública de Michael G. Lawler e Todd A. Salzman, sobre O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou?; e a publicação do Cadernos IHU ideias de José Dalvo Santiago da Cruz intitulada Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro. Conta ainda com a participação de **Alyne Costa** na seção Minha tese em quatro perguntas.

A imagem da capa é uma ilustração de Anna Cunha, cedida gratuitamente ao IHU.

A todas e a todos desejamos uma boa leitura!



Sumário

- 4 ■ Apresentação - Cem vezes Clarice Lispector
- 6 ■ Tema de capa | Faustino Teixeira: Os caminhos enigmáticos de busca mística em Clarice Lispector
- 18 ■ Tema de capa Eduardo Losso: Para ver em Clarice modalidades de uma secularização da mística
- 47 ■ Tema de capa | Evando Nascimento: O impensável na literatura de Clarice Lispector
- 57 ■ Tema de capa | Youdith Rosembaum: O espelho antinarcísico de Clarice Lispector
- 65 ■ Tema de capa | Maria Clara Bingemer: Escrever como missão, uma literatura em direção à mística
- 73 ■ Alyne Costa - Minha tese em quatro perguntas
- 74 ■ Publicações | Michael G. Lawler e Todd A. Salzman: O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou?
- 75 ■ Publicações | José Dalvo Santiago da Cruz: Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro
- 76 ■ Outras edições

Arte Anna Cunha



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

Diretor de Redação

Inácio Neutzling
(inacio@unisinos.br)

Editor Executivo

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Redação

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Wagner Fernandes de Azevedo
(wfazevedo@unisinos.br)

Revisão

Carla Bigliardi

Projeto Gráfico e Diagramação

Ricardo Machado
Guilherme Tenher

Atualização diária do sítio

Inácio Neutzling, César Sanson, Patricia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Wagner Fernandes de Azevedo, Isabela Bresciani Marina da Silva, Gabriel Reis e Fred Wichrowski.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Instituto Humanitas Unisinos - IHU

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br

Diretor: Inácio Neutzling
Diretor Adjunto: Lucas Luz
Gerente Administrativo: Nestor Pilz

Cem vezes Clarice Lispector

Ricardo Machado

No dia 10 de dezembro de 1920 nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, Chaya Pinkhasovna Lispector. Dois anos mais tarde, devido à perseguição a judeus durante a Guerra Civil Russa, sua família se mudou para o Brasil e a pequena garotinha passou a se chamar Clarice Lispector.

Passou a infância no Nordeste e com 12 anos foi morar, com a família, no Rio de Janeiro. Em 1941 entrou na faculdade de Direito e começou a trabalhar como redatora na “Agência Nacional” e, em seguida, no jornal *A noite*. Dois anos depois, casa-se com Maury Gurgel Valente e em 1944 se forma em Direito. No mesmo ano lança *Perto do Coração Selvagem* (Rio de Janeiro: Rocco, 2019), seu primeiro livro.

Dezessete obras separam seu livro de estreia de *A hora da estrela* (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), último romance publicado em vida, em 1977. Recebeu alguns prêmios importantes, como o Jabuti, por seu livro de contos *Laços de Família*, em 1960, e o X Concurso Literário Nacional de Brasília, pelo conjunto da obra, em 1976.

No mesmo ano de sua morte, Clarice Lispector concedeu uma entrevista ao jornalista Júlio Lerner, da TV Cultura. Seus silêncios, olhares e trejeitos dão conta da complexa personalidade da autora, um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX.



Obras de Clarice Lispector

- *Perto do coração selvagem* (1944)
- *O lustre* (1946)
- *A cidade sitiada* (1949)
- *Alguns contos* (1952)
- *Laços de família* (1960)
- *A maçã no escuro* (1961)
- *A legião estrangeira* (1964)
- *A paixão segundo G.H.* (1964)
- *O mistério do coelho pensante* (1967)
- *A mulher que matou os peixes* (1968)
- *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres* (1969)
- *Felicidade clandestina* (1971)
- *A imitação da rosa* (1973)
- *Água viva* (1973)
- *A vida íntima de Laura* (1974)

- *A via crucis do corpo* (1974)
- *Onde estivestes de noite* (1974)
- *Visão do esplendor* (1975)
- *A hora da estrela* (1975)

Livros póstumos

- *Para não esquecer* (1978)
- *Quase de verdade* (1978)
- *Um sopro de vida (pulsações)* (1978)
- *A bela e a fera* (1979)
- *A descoberta do mundo* (1984)
- *Como nasceram as estrelas* (1987)
- *Cartas perto do coração* (2001) (cartas trocadas com Fernando Sabino)
- *Correspondências* (2002)
- *Correio Feminino* (2006)
- *Entrevistas* (2007)
- *Todas as crônicas* (2018)



C
Os caminhos enigmáticos
de busca mística em
Lispector
a
r
i
c
e

Faustino Teixeira apresenta a obra da escritora radicada no Brasil perscrutando suas dimensões místicas



Ricardo Machado

Clarice Lispector é, sobretudo, uma escritora que fez do enigma sua literatura. É nesse intrincado mas profundo mundo de inteligibilidade literária que sua experiência mística emerge. “A linguagem mística brota viva de uma experiência particular, que é única e intraduzível. Abre um espaço novo, sem o qual o seu protagonista não pode mais viver”, pontua **Faustino Teixeira** em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Em Clarice, fica evidenciada uma imagem bastante spinozana de Deus, em que, dizia ela, “encontrava uma confirmação de sua própria rejeição do ‘Deus humanizado das religiões’ (...). ‘A ideia de um Deus consciente é terrível-

mente insatisfatória”’. O entrevistado recorda que a escritora “vive uma ânsia por ‘estados de graça’” e, como ela mesma descrevia, “nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia das pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve”.

Na entrevista a seguir, Faustino perscruta com delicadeza e argúcia a mística de uma das escritoras do século XX mais aclamadas e conhecidas. “É uma literatura carregada de atmosfera mística. A presença da mística revela-se significativa no precioso romance *Perto do coração selvagem*, no qual pressentimos uma forte presença do filósofo Spinoza”, frisa.



Faustino Teixeira possui graduação em Ciências das Religiões pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, graduação em Filosofia pela UFJF, mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana. Atualmente é professor convidado da UFJF, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: religiões, pluralismo religioso, diálogo inter-religioso, catolicismo e mística.



IHU On-Line – O que a literatura, em geral, tem a nos ensinar em termos de mística?

Faustino Teixeira – Esse foi um tema que abordei em prefácio num precioso livro publicado pela editora Mauad, em fevereiro de 2018, com organização de Jimmy Sudário Cabral e Maria Clara Lucchetti Bingemer. Ali tratei da questão e retomo aqui alguns dos pontos que destaquei. O título do prefácio era: O mistério e a palavra.

Mesmo reconhecendo a incapacidade da linguagem em comunicar a intensidade da experiência, os místicos e poetas sabem que ela é tudo o que possuem para aproximar-se desse objetivo impossível. É na dinâmica da palavra e em seu potencial criativo que ocorre o “movimento enigmático” de ruptura de fronteiras, de resistência à opacidade do tempo, de abertura, ainda que limitada, às cores vibrantes e sutis do Real. Como tão bem sinaliza Pablo Neruda, “algo canta entre estas palavras fugazes”. Ou também o grande místico persa, Rûmî:

*“Enlaçados no amor, sem tu nem eu,
livres de palavras vãs, tu e eu!”*

Um leito comum irmana a mística e a poesia: a experiência amorosa, o enamoramento das pequenas grandes coisas e a atenção aos sinais do cotidiano.

Contrariando ao que se pensa, a densidade da experiência amorosa não destaca o místico de seu tempo, mas provoca um “desaforado amor pelo todo”¹. No ápice da união, é toda a beleza do mundo que readquire senso e valor, agora de forma mais ampla e profunda. Com base em reflexão sobre João da Cruz², Maria Zambrano sublinha que não ocorre um abandono da realidade, mas um adentrar-se nela, em sua viva espessura, com outra perspectiva e foco. E complementa: “Não é o nada, o vazio, o

1 María Zambrano. *Algunos lugares de la poesía*. Madrid: Trotta, 2007, p. 127 (San Juan de la Cruz: de la “noche oscura” a la más clara mística). (Nota do entrevistado)

2 João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002) (Nota da IHU On-Line).



que aguarda a alma em sua saída; nem a morte, mas a poesia que abriga todas as coisas com sua inteireza presença”³.

De forma semelhante ao que ocorre na linguagem mística, a poesia adentra-se na espessura do Real, suscitando a “redescoberta da novidade perene da vida nas pequenas/grandes coisas do dia a dia”⁴.

Um claro exemplo pode ser visto nos trechos do poema *Eu vi uma rosa*, de Manuel Bandeira⁵:

*“Eu vi uma rosa
- Uma rosa branca -
Sozinha no galho.
No galho? Sozinha
No jardim, na rua. (...)*

*A graça essencial,
Mistério inefável
- Sobrenatural -
Da vida e do mundo,
Estava ali na rosa*

Sozinha no galho”.

A peculiaridade da focalização poética faculta uma intensidade única, capaz de desvendar na “estreiteza do finito, a extensão do infinito”. Segundo José Paulo Paes, “a visão poética isola aqui um pormenor do mundo para o rever com uma intensidade tal que nele se engolfa por inteiro, esquecida da natureza circundante, agora excessiva ante a plenitude da rosa”⁶.

A linguagem poética tem esse dom de “iluminar a linguagem de todos os dias” e desocultar ali um significado aberto e novo: “As cores próprias da vida se adensam, dançam e se desprendem em redor da visão que se elabora”⁷. Tem igualmente o potencial de

3 Ibidem, p. 129. (Nota do entrevistado)

4 José Paulo Paes. *Jornal de Poesia*. Entrevista com Rodrigo de Souza Leão: <http://www.revista.agulha.nom.br/r2souza08c.html> (Nota do entrevistado)

5 Manuel Bandeira (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema *Os sapos* o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Carlos Pena Filho e Osman Lins, entre outros, representa a produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

6 José Paulo Paes. *Os perigos da poesia e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997, p. 31. Para o poema de Manuel Bandeira cf. *Estrela da vida inteira*. 14 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987, pp. 163-164. (Nota do entrevistado)

7 Arthur Rimbaud. *Prosa poética*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998, p. 219 (Being Beateous). Como sublinha José Paulo Paes, a poesia tem a “capacidade de iluminar a linguagem de todos os dias, aprofundando-lhe os significados, tornando-os de tal modo memoráveis que eles nunca mais consigam separar-se do modo por que foram ditos”: José Paulo Paes. *Jornal de Poesia*. Entrevista com Rodrigo de Souza Leão. (Nota do entrevistado)



rememorar a presença do aberto e ilimitado que margeia o mundo impermanente.

A poesia traz consigo o dom de ouvir o “canto das coisas”. Na busca incessante de “significar o máximo com o mínimo”, ela recorre a “todos os recursos expressivos disponíveis do idioma”⁸. Em muitos casos, a sede de alcançar a experiência provoca uma “afirmação sintaticamente improvável”. Não se satisfazendo com o “mundo da frase pronunciada”, o poeta ousa mais, reiventando formas de expressão capazes de corresponder à sua ilimitada ânsia de superação. O caso de Rimbaud⁹ é sugestivo, em seu mergulho no desconhecido para trazer o novo:

“Inventei a cor das vogais! – A negro, E branco, I rubro, O azul, U verde. – Regulei a forma e o movimento de cada consoante, e, com ritmos instintivos, me vangloriava de inventar um verbo poético acessível, algum dia, a todos os sentidos. (...) Escrevia silêncios, noites, anotava o inexprimível. Fixava vertigens”¹⁰.

Como sublinha Ivo Barroso, “ler a poesia de Rimbaud é se dar conta de um incêndio estilístico, em que esse aventureiro do verbo vai queimando as pontes por onde passou, evoluindo ou mudando de rumo quase a cada verso, numa busca ou numa fuga em direção ao Insabido, ao Transcendente, ao Nada”¹¹. Esta poesia é um dos melhores exemplos para poder entender a ousadia da linguagem mística. Há uma sede intensa no coração do poeta, que parte “com amor infinito” e a “alma acesa” em busca de “afetos e rumores novos”.

A linguagem mística brota viva de uma experiência particular, que é única e intraduzível. Abre um espaço novo, sem o qual o seu protagonista não pode mais viver: “uma necessidade nele se eleva, sob o sinal de uma música, de uma palavra ou de uma visão vinda de outros lugares”¹². Mesmo assim, o místico busca comunicar essa experiência incontida na alma.

No prólogo do Cântico Espiritual, João da Cruz assinala a impossibilidade de explicar com clareza, por meio de palavras, as “expressões amorosas da inteligência mística”. Daí a razão de se empregar “estranhas figuras” para esboçar ou acenar algo vivido na experiência. Para o olhar desatento e comum, tais expressões

8 José Paulo Paes. Gaveta de tradutor. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 14. (Nota do entrevistado)

9 Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês. Produziu suas obras mais famosas quando ainda era adolescente sendo descrito por Paul James, à época, como “um jovem Shakespeare”. (Nota da IHU On-Line)

10 Arthur Rimbaud. Prosa poética, p. 161 (Uma estadia no inferno). (Nota do entrevistado)

11 Arthur Rimbaud. Poesia completa. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p. 9. (Nota do entrevistado)

12 Michel de Certeau. Sullá mistica, p. 59. (Nota do entrevistado)



soam como “dislates” ou disparates, mas na verdade traduzem um saber que é fruto do amor¹³.

A ousadia e audácia da linguagem mística vêm justificadas por Michel de Certeau¹⁴, que reconhece a singularidade de uma licença para usar termos particulares e fora de comum. E isto ocorre em razão dessa linguagem tratar de coisas sublimes, sagradas e secretas, que tocam mais de perto a experiência que a especulação.

A linguagem mística traduz uma “manipulação técnica das palavras”. Trata-se de uma prática de “destacamento”, em que a língua vem “desnaturada”, perdendo sua função de imitação das coisas. As palavras são “atormentadas” para poderem dizer o que literalmente não conseguem¹⁵. A linguagem é frágil para poder alojar o que se vive. Como indica Angel Valente, “o místico situa-se, paradoxalmente, entre o silêncio e a loquacidade”:

“A experiência do místico é uma experiência absoluta, mas pertence, porém, de algum modo, ao mundo da mediação. Entre o silêncio e a palavra, este vazio intersticial, de que fala Lillian Silburn (*Le vide, le rien, l’abîme*), não pode ser reduzido nem ao silêncio nem à palavra e é exigido por ambos. Identificação com o vazio indizível, a experiência do místico aloja-se na linguagem forçando-o a dizer o indizível enquanto tal”¹⁶.

O recurso ao símbolo aparece como exigência da linguagem mística, na medida em que favorece um “abismo de intuições” e fidelidade à profundidade da experiência.

O místico é alguém que vive um “tumulto” interior em razão da presença iluminadora de algo não natural, que o envolve e abrasa¹⁷. Em decorrência dessa visita interior, ele passa a viver desassossegado, buscando romper a crisálida de seu ensimesmamento em direção ao mistério maior que o convoca. Não há como seguir vivendo da mesma forma: há que “atravessar os umbrais da vida”. Nada pode fixá-lo, nada pode matar sua implacável sede,

13 João da Cruz. *Obras completas*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1988, pp. 575-577. (Nota do entrevistado)

14 Michel de Certeau 1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos a escrita da história (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas Michel de Certeau ou a erotização da história, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da IHU On-Line, de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos Cadernos IHU em Formação, intitulado *Jesuítas*. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno, disponível para download em <http://bit.ly/ihuem14>. (Nota da IHU On-Line)

15 Michel de Certeau. *La fable mystique 1. XVI e XVII siècle*. Paris: Gallimard, 1982, p. 195. (Nota do entrevistado)

16 José Angel Valente. *Variaciones sobre el pájaro y la red*, pp. 85-86. (Nota do entrevistado)

17 Como assinala Luiz Felipe Pondé, “o místico não fala a partir da sua condição criatural, mas sim da violência que esta sofre devido à visita daquilo que não cabe na natureza”: *Elementos para uma teoria da consciência apofática*. *Rever*, v. 3, n. 4, 2003: http://www.pucsp.br/rever/rv4_2003/t_ponde.htm. Ver ainda: María Zambrano. *Algunos lugares de la poesía*, p. 125. (Nota do entrevistado)



senão o Mistério que o habita. Um mistério, porém, cuja fragrância encontra-se presente em toda a criação, daí seu amor universal.

IHU On-Line – Particularmente, como a literatura de Clarice Lispector nos inspira misticamente?

Faustino Teixeira – É uma literatura carregada de atmosfera mística. Como diz Benjamin Moser¹⁸, no que considero sua melhor biografia¹⁹, “O fato mais notável acerca da região de onde veio Clarice Lispector não fosse a pobreza nem a opressão, mas sua elétrica relação com o divino. Isolados e pobres, os judeus de Podólia²⁰ eram frequentemente abalados por ondas milenaristas”²¹. Naquele lugar se gestou “toda uma galáxia de santos-místicos, cada um deles uma espantosa individualidade”²².

A presença da mística revela-se significativa no precioso romance *Perto do coração selvagem*, no qual pressentimos uma forte presença do filósofo Spinoza²³. Certamente ela tinha lido Spinoza e gostado muito. Buscava, na ocasião, “um amor intelectual de Deus”, que excluía misticismo ou adoração. Dali vem seu amor profundo à natureza e aos animais: uma busca de “reintegração e continuidade”.

Um tema que foi desenvolvido com felicidade por Maria Esther Maciel²⁴. A autora cita, em particular o conto “O búfalo”, que aborda o encontro de uma mulher com um búfalo no zoológico para “adoecer”²⁵. Como indica a autora, “o olhar do búfalo leva, dessa forma, ao limite abissal do humano, como se a desvelasse, colocando-a em situação de perda e vertigem”²⁶. A resposta não é satisfatória: “Do

18 Benjamin Moser (1976): Nascido em Houston, em 1976, Moser cursou o ensino médio no Texas e na França, antes de se formar em licenciatura em História pela Universidade Brown. Obteve seu doutoramento (título de PhD) e mestrado pela Universidade de Utrecht. Fluente em seis idiomas, o autor já publicou traduções do neerlandês, francês, espanhol e português, língua a qual decidiu aprender após um breve contato com o chinês. (Nota da IHU On-Line)

19 Benjamin Moser, *Clarice*, São Paulo: Cosac Naify, 2009. Há outras boas biografias: Olga Borelli. *Clarice Lispector, esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981; Nádia Battela Gotlib. *Clarice, uma vida que se conta*. São Paulo: Edusp, 2013; Teresa Cristina Monteiro Ferreira. *Eu sou uma pergunta. Uma biografia de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Um livro precioso, mas esgotado: *Clarice. Figuras da escrita*. Instituto Moreira Salles, 2011. Há ainda a magnífica: *Clarice. Fotobiografia*. São Paulo: Edusp, 2014. (Nota do entrevistado)

20 Trata-se da província ucraniana da Podólia, um “típico lugar encardido, até a virada do século XIX para o século XX, onde vivia a maior parte dos judeus do mundo (Moser, 27). (Nota do entrevistado)

21 *Ibidem*, p. 31. (Nota do entrevistado)

22 Gershen Gerhard Scholen. *Major Trends in Jewish Mysticism*. Nova York: Schocken Books, 1955, p. 337-338. (Nota do entrevistado)

23 Baruch Spinoza (ou Espinosa, 1632–1677): filósofo holandês. Sua filosofia é considerada uma resposta ao dualismo da filosofia de Descartes. Foi considerado um dos grandes racionalistas do século 17 dentro da Filosofia Moderna e o fundador do criticismo bíblico moderno. Confira a edição 397 da IHU On-Line, de 6-8-2012, intitulada *Baruch Spinoza. Um convite à alegria do pensamento*, disponível em <https://goo.gl/GEGul5>. (Nota da IHU On-Line)

24 Maria Esther Maciel. *Literatura e animalidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. (Nota do entrevistado)

25 *Ibidem*, p. 85s. (Nota do entrevistado)

26 *Ibidem*, p. 86. (Nota do entrevistado)



que sabem os animais sobre os humanos ninguém sabe, mas tudo se imagina”²⁷.

Em rica seleção de textos escolhidos por Roberto Corrêa dos Santos, *As palavras*²⁸, ele retoma uma linda passagem tomada do romance *A paixão segundo G.H.*:

“Como se uma mulher tranquila tivesse simplesmente sendo chamada e tranquilamente largasse o bordado na cadeira, se erguesse, e sem uma palavra – abandonando sua vida, renegando bordado, amor e alma já feita – sem uma palavra essa mulher se pusesse calmamente de quatro, começasse a engatinhar e a se arrastar com olhos brilhantes e tranquilos: é que a vida anterior a reclamara, e ela fora”²⁹.

Clarice será sempre muito reticente quanto ao “Deus consciente das religiões, mas apenas porque ela ansiava tão desesperadamente pela perfeição e convicção que Spinoza, ele também, rejeitara como algo impossível”³⁰. Fica forte nela a marca spinozista do “Deus sive natura” (Deus, isto é, a natureza). Em Spinoza Clarice “encontrava uma confirmação de sua própria rejeição do ‘Deus humanizado das religiões’ (...). ‘A ideia de um Deus consciente é terrivelmente insatisfatória’, ela escreveu”³¹.

Certa vez ela foi presenteada com a obra *Imitação de Cristo*. Disse que leu “com um ardor de burra, sem bem entender, mas visava o perdão de Deus. Na sua visão, ‘quem imitasse Cristo estaria perdido – perdido na luz, mas perigosamente perdido. Cristo’ – o Deus humanizado – ‘era a pior sensação”³².

O livro certo para entrar nessa complexa questão é o complexo *A Maçã no escuro*, em que aparece a questão decisiva da redenção pelo pecado. Como diz Benjamin Moser, “a loucura em *A maçã no escuro* é uma ferramenta positiva de conhecimento, não um meio de destruição”³³. E há na reflexão de Clarice nessa obra uma presença marcante do *Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse³⁴. Esse livro exerceu sobre ela um verdadeiro “choque” inspiracional.

IHU On-Line – Como fica a questão do mal na obra literária de Clarice Lispector?

Faustino Teixeira – Essa é uma questão fundamental mas pouco abordada nos trabalhos sobre a escritora. Em geral é um tema dedicado pelos psicanalistas. O livro que trata disso de for-

27 Ibidem, p. 86. Veja também o espantoso poema de Rainer Maria Rilke, *A pantera no jardim de Plantes*, Paris: Rainer Maria Rilke. Poemas. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 95. (Nota do entrevistado)

28 Curadoria de Roberto Corrêa dos Santos. *As palavras de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. (Nota do entrevistado)

29 Ibidem, p. 130. (Nota do entrevistado)

30 Ibidem, p. 130. (Nota do entrevistado)

31 Ibidem, p. 173. (Nota do entrevistado)

32 Benjamin Moser, Clarice, p. 341. (Nota do entrevistado)

33 Ibidem, 319. (Nota do entrevistado)

34 Hermann Karl Hesse (1877—1962): foi um escritor e pintor alemão, que em 1923 se naturalizou suíço. Em 1946 recebeu o Prêmio Goethe e, passados alguns meses, o Nobel de Literatura “por seus escritos inspirados que, enquanto crescem em audácia e penetração, exemplificam os ideais humanitários clássicos e as altas qualidades de estilo”. (Nota da IHU On-Line)



ma excelente é o de Yudith Rosenbaum³⁵. Ela é psicóloga, conhecida por seus trabalhos sobre Clarice Lispector, Manuel Bandeira e Guimarães Rosa³⁶. O livro que cito sobre o tema é: *Metamorfoses do mal*. Uma leitura de Clarice Lispector (São Paulo: Edusp/Fapespe, 1999).

O prefácio de seu livro, bem didático, foi escrito por Vilma Arêas, com o título sugestivo: *Geografia perversa*. A questão abordada por Yudith envolve o reencontro de Clarice com uma “subjetividade em crise”. Alguns contos servem de inspiração profunda para o tratamento do tema como “Obsessão” de *A Bela e a Fera*. Também o conto “A imitação da rosa” e “A quinta história”. E claro, o último capítulo de *Paixão segundo G.H.* Sublinha Vilma:

“A interpretação de *A paixão segundo G.H.*, entendido como uma ‘epopeia negativa’, na medida em que a protagonista, abandonando a organização humana, se constrói inversamente a Ulisses, que privilegia a identidade de si mesmo. Mesmo no instante em que se encontram, Ulisses como ‘ninguém’, anulando-se para a autopreservação, e G.H. que ‘também assassina sua pessoa’, o movimento de ambos sinaliza caminhos opostos”³⁷.

IHU On-Line – O silêncio na narrativa de Clarice Lispector é um elemento simbólico crucial. Como tal característica nos convida a pensar nisso como um diálogo com Deus?

Faustino Teixeira – Para falar desse tema tão fundamental para a mística, chamo aqui a atenção para o conto *O Lustre*. Foi um livro difícil de encontrar uma editora para publicação, por ser considerado seu livro “mais estranho e mais difícil”. O livro vem movido por “intensidade glacial”. É quando a poeta “chega perto como nunca de espelhar em sua prosa a experiência real de es-

35 Yudith Rosenbaum: é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, mestra e doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo - USP, onde leciona na área de literatura brasileira. Trabalhou como psicóloga educacional durante quinze anos e atendeu por dez anos em clínica psicanalítica. Atua na interface da Literatura com a Psicanálise, especializando-se em autores do século XX, como Manuel Bandeira, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. (Nota da IHU On-Line)

36 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras histórias* (1962) e *Tutameia* (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo*. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confirma ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada *Grande Sertão: Veredas*, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

37 Yudith Rosenbaum. *Metamorfoses do Mal*. São Paulo: Edusp/Fapespe, 1999, p. 13 (prefácio). (Nota do entrevistado)



crever, que é feita de calmarias, tédio e fastio, pontuados apenas ocasionalmente por momentos de clímax e alegrias³⁸.

Na visão de uma de suas grandes biógrafas e amiga, os olhos de Clarice são olhos que “perscrutam todos os mistérios da vida”³⁹. Como indicou Moser, “se a linguagem humana, curvada sob o peso da sintaxe reflexiva e dos significados padronizados, não é capaz de dar cabo sequer de uma experiência tão trivial, que utilidade ela pode ter para descrever algo maior?”⁴⁰ Há sempre em Clarice um referencial de memória: “A descoberta do nome sagrado, sinônimo de Deus, era a meta mais elevada dos místicos judeus”⁴¹.

Ela vive uma ânsia por “estados de graça”. Sublinha que “nesse estado, além da tranquila felicidade que se irradia das pessoas e coisas, há uma lucidez que só chamo de leve porque na graça tudo é tão, tão leve”⁴². Nesses estados especiais as descobertas “são indizíveis e incomunicáveis”, daí Clarice preferir nesses momentos manter-se “sentada, quieta, silenciosa”.

São estados que não se buscam, mas que se diafanizam. Eles vêm como “algo” espontâneo. E Clarice sente um temor reverencial. Diz que não é bom que venha tantas vezes, pois poderia se habituar à felicidade, e isto não é bom. E se viesse mais a miúdo diz que abusaria: “Passaria a querer viver permanentemente em graça. E isto representaria uma fuga imperdoável ao destino simplesmente humano, que é feito de luta e sofrimento e perplexidade e alegrias menores”⁴³.

IHU On-Line – Como está sendo o Curso Livre – Todas as crônicas de Clarice Lispector?

Faustino Teixeira – Minha paixão pela literatura vem de tenra idade. Na minha casa paterna havia dois cômodos de biblioteca, com farta literatura. Meu pai, Mozart Teixeira, era médico, mas sua paixão maior era a filosofia e a literatura. Comprava tudo. Em certo período da vida fui tocado de amores por Graciliano Ramos⁴⁴, e os livros São Bernardo (Rio de Janeiro: Record,

38 Benjamin Moser, Clarice, p. 225. (Nota do entrevistado)

39 Trata-se de Olga Borelli, amiga íntima de Clarice Lispector, que escreveu uma de suas biografias mais pessoais: Clarice Lispector. Esboço para um possível retrato. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. (Nota do entrevistado)

40 Benjamin Moser, Clarice, p. 232. (Nota do entrevistado)

41 Ibidem, p. 232. (Nota do entrevistado)

42 Clarice Lispector. Todas as crônicas. Rio de Janeiro, 2018. (Nota do entrevistado)

43 Ibidem, p. 95. A meu ver, essa crônica, de 6 de abril de 1968 (Jornal do Brasil), também presente no maravilhoso livro A descoberta do mundo (Rio de Janeiro: Rocco, 1999), é, a meu ver, sua mais linda crônica, e mais sintonizada com o pensamento de grandes místicos como Thomas Merton. (Nota do entrevistado)

44 Graciliano Ramos (1892-1953): escritor alagoano, nascido em Quebrângulo. Autor de numerosas obras, várias delas adaptadas para o cinema, como Vidas secas e Memórias do cárcere, em 1963 e 1983, respectivamente, por Nelson Pereira dos Santos. Vidas secas foi o objeto de estudo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, de 17-6-2004, no IHU. Quem conduziu o debate foi a professora Célia Dóris Becker. Confira uma entrevista que a professora concedeu sobre o tema na 105ª edição da IHU On-Line, de 14-6-2005, disponível em <https://goo.gl/bHDxB0>. Confira, também, a edição 274, de 22-9-2008, intitulada Josué de Castro e Graciliano Ramos. A desnaturalização da fome, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/274>. (Nota da IHU On-Line)



2019) e Vidas Secas (Rio de Janeiro: Record, 2019) foram dos mais impactantes em minha vida.

Depois veio Clarice, e esse amor desabrochou. Depois de minha aposentadoria na Universidade Federal de Juiz de Fora, onde dediquei-me a três grandes temas, Teologia das Religiões, Diálogo Inter-religioso e Mística Comparada das Religiões, pude então ampliar o olhar abraçando os territórios da Antropologia e agora a Literatura.

Tenho comprado uma imensa quantidade de livros na área de Literatura. Dei três cursos sobre o Grande Sertão: Veredas (São Paulo: Companhia das Letras, 2017), e estou escrevendo um livro breve voltado à temática mística que envolve esse precioso livro. Depois de meu transplante de medula, ocorrido em junho de 2020, adotei como lema: “O que recebi como dom, retribuo como serviço”.

Decidi então dar cursos gratuitos e livres para ajudar as pessoas a conhecerem as coisas bonitas da literatura. Daí minha alegria de poder dedicar-me ao curso sobre as Crônicas de Clarice, que será uma alegre parceria entre o Paz e Bem, do amigo querido Mauro Lopes, e do IHU, cujo diretor, Inácio Neutzling, é amigo de antiga data. Fizemos juntos o Mestrado em Teologia na PUC-RJ e o Doutorado em Roma. Depois disso a amizade irradiou-se de forma bonita, e agora sou colaborador constante do IHU, que tem uma equipe de trabalho altamente profissional e de gabarito, com todo o apoio da Unisinos. Considero esse trabalho do IHU uma das coisas mais importantes que ocorre hoje no Brasil.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Faustino Teixeira – Gostaria de ao menos mencionar o lugar e a presença de suas irmãs em sua vida. Sobretudo nos momentos mais sombrios de depressão de Clarice Lispector, quando viveu no exterior, particularmente na Suíça, em Berna. Ali, naquele desterro, a presença de suas irmãs foi muito importante.

Clarice sempre menciona a imensa saudade que tinha delas. Vale a leitura do precioso livro Correspondências (Rio de Janeiro: Rocco, 2002). São singulares suas cartas a Lúcio Cardoso⁴⁵ e Fernando Sabino⁴⁶, amigos queridos, e a outros queridos. Diz em sua correspondência para Elisa e Tania, suas irmãs, que as ama muito. Em carta de 01 de janeiro de 1948, dirigida de Berna à sua irmã Tania Kaufmann:

“Eu queria tanto, tanto estar junto de você e conversar, e contar experiências minhas e de outros (...). Uma outra pessoa disse que eu me movo com uma lassidão de mulher de cinquenta anos. Tudo isso você não vai nem sentir, queira Deus. Não haveria nem necessidade de lhe dizer, então...”

Mas não pude deixar de querer lhe mostrar o que pode acontecer com uma pessoa que fez pacto com todos, e que se esqueceu de que

45 Lúcio Cardoso (1912 – 1968): Mineiro de Curvelo, chamado pelo crítico Alfredo Bosi de “inventor de totalidades existenciais”. Lúcio foi escritor, dramaturgo, jornalista, e poeta. Realizou com Paulo César Saraceni, o primeiro longa-metragem do Cinema Novo. Nos últimos anos de sua vida, pintava. Para ele, a arte era vital. (Nota da IHU On-Line)

46 Fernando Sabino (1923-2004): foi um escritor, jornalista e editor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)



o nó vital de uma pessoa deve ser respeitado. Minha irmãzinha, ouça meu conselho, ouça meu pedido: respeite a você mais do que aos outros, respeite suas exigências, respeite mesmo o que é ruim em você – respeite sobretudo o que você imagine que é ruim em você – pelo amor de Deus, não queira fazer de você uma pessoa perfeita – não copie uma pessoa ideal, copie você mesma – é esse o único modo de viver.

Eu tenho tanto medo de acontecer com você o que aconteceu comigo, pois nós somos parecidas. Juro por Deus que se houvesse um céu, uma pessoa que se sacrificou por covardia – será punida e irá para um inferno qualquer.

Se é que uma vida morna será punida por essa mesma mornidão. Pegue para você o que lhe pertence, e o que lhe pertence é tudo aquilo que sua vida exige. Parece uma moral amoral. Mas o que é verdadeiramente imoral é ter desistido de si mesma. Espero em Deus que você acredite em mim”.

Leia mais

- **Florescer na complexidade.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada na Revista IHU On-Line nº 546, de 16-12-2019, disponível em <https://bit.ly/3uclegB>

- **Grande sertão: veredas, uma epopeia metafísica.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 5-8-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2DdJg2j>.

- **Etty Hillesum canta a alegria contra o ódio.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 15-4-2019, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KRAzyY>.

- **A feminilidade da mística em Teresa d'Ávila.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 10-10-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2rn1hFu>.

- **Fora da Misericórdia não há salvação.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 26-7-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2SypofX>.

- **O desafio de acessar a dimensão de profundidade do cristianismo.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/2L2XiXJ>.

- **John Hick, teologia cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 162, de 31-10-2005, disponível em <http://bit.ly/2L4yOxg>.

- **Mística comparada: semelhanças na diferença.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 133, de 21-3-2005, disponível em <http://bit.ly/2BW30Yz>.

- **O budismo e o “silêncio sobre Deus”.** Entrevista com Faustino Teixeira, publicada na revista IHU On-Line número 308, de 17-7-2009, disponível em <http://bit.ly/2zMohT3>.

- **“Muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”: o Catolicismo Plural.** Entrevista especial com Faustino Teixeira e Renata Menezes, publicada nas Notícias do dia de 13-1-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2G2O5Qs>.

- **Encontro de Assis: uma “viagem fraterna” rumo a um horizonte maior.** Entrevista especial com Faustino Teixeira, publicada nas Notícias do dia de 27-10-2011, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2RETz51>.

Para ver em Clarice modalidades de uma secularização da mística

Eduardo Losso faz uma ampla abordagem da dimensão mística na cultura, cruzando autores, correntes literárias e as complexidades de um fenômeno, que, segundo o entrevistado, não deve ser reduzido à espiritualidade

Ricardo Machado

Para o professor e pesquisador Eduardo Losso, não é frutífero chamar escritores modernos de místicos, o que se aplica, inclusive, a Clarice Lispector. “Como falei, não interessa chamar Clarice de mística. Por outro lado, o que não falta em sua obra são momentos de experiência mística e elucubrações que muito devem ao pensamento místico”, afirma Losso em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Por isso, devemos dizer que nem Clarice nem tais teóricos são místicos. Eles produzem, contudo, aquilo que chamo de diferentes modalidades de secularização da mística.

A vivência da experiência mística na cultura pode, portanto, emergir de eventos cotidianos que suspendem a ordem “natural” das coisas cujos eventos abundam na obra de Clarice Lispector. “Elevadas experiências místicas podem vir de um certo tipo de assombração que os pobres produzem nos ricos, que os animais podem produzir em uma família de classe média, a ponto de se comer uma barata, que, como diz Viveiros de Castro, está em ligação direta com a empregada? Empregada e Macabéa são ‘a mosca na sua sopa?’”, complementa.



Eduardo Guerreiro Brito Losso é professor adjunto de Teoria da Literatura do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ e coeditor da Revista Terceira Margem, do PPG-CL da UFRJ. É graduado em Letras, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, com estágio na Universität Leipzig, Alemanha. Entre os livros que organizou, destacamos *Diferencia minoritaria en Latinoamérica* (Georg Olms, 2008), *O carnaval carioca de Mário de Andrade* (Azougue, 2011) e *Música Chama* (Circuito, 2016). Ainda é autor de Renato Rezende por Eduardo Guerreiro B. Losso (EdUERJ, 2014).

IHU On-Line – Como você compreende a mística?

Eduardo Losso – Não tomo a palavra “mística” a partir de um sentido dado. Ao longo do tempo, achei mais instigante entender qual o desejo que o termo instiga nos que se fascinam por ela e qual a repulsa que ela provoca nos que a evitam com o mesmo fervor. Resolvi não aderir nem a um nem a outro e observar de longe a carga de tensão do conceito em muitas discussões públicas e acadêmicas.

A princípio, a palavra é utilizada pelo senso comum como algo da ordem do sobrenatural, da revelação divina, a promessa de felicidade da Nova Era. Em círculos religiosos e teológicos, é a irrupção da presença de Deus que alguém pode experimentar, para quem foi concedido um estado de graça ou que alcançou tal estado após muito esforço ascético. Para quem se enamora desse tipo de círculo (esotérico e religioso, cristão ou oriental), a noção tem um brilho esfuziante: é a finalidade da existência, o cimo da realidade.

Já para uma mentalidade acadêmica laica, muito calcada no uso que iluministas e marxistas fizeram desse campo semântico (mistério, fetiche, dogma), a palavra remete a noções de credence, superstição e fanatismo. Percebe-se que na diferença de uso das duas acepções já se inscreve um abismo ideológico. Para quem de um lado ouve a palavra, ela é sinônimo de embevecimento, do outro lado, ela é sinônimo de alienação.

O que observei, ao longo dos anos, é que ambos lados geralmente não conseguem sair de seus preconceitos. O primeiro se apegua ao imperativo de encantamento, o segundo se aferra ao imperativo de desencantamento. Nenhum deles remonta à história tanto do conceito quanto da palavra, que está intrinsecamente ligada à história da poesia, da filosofia, da religião, da ideia do Ocidente e do Oriente e mesmo de como se vê povos africanos e ameríndios; em suma, nenhum dos dois pensa em termos de genealogia da cultura. E se quisermos entender algo das implicações dos usos e conceitos, dos efeitos de consenso e dissenso, é preciso pensar em termos históricos.

Etimologia

Há uma trajetória etimológica que vale a pena remontar. O verbo grego *muo* inicialmente significava cerrar lábios ou olhos. O sentido geral de obstruir o que se vê ou se diz passou para a acepção de segredar, que impregnou o adjetivo *mystikos*, referente aos mistérios antigos e à obrigação de manter segredo de seus rituais e ensinamentos. Se um mistério como Eleusis (cidade grega) iniciava uma massa grande de pessoas (milhares) num longo trajeto geográfico percorrido de Atenas até essa região, com ingestão de um alucinógeno, um mistério como o dionisismo já implicava a prática orgíaca e omofágica. Porém, o mistério mais significati-

vo para o desdobrar da história da palavra está no orfismo, que inaugurou a crença na alma imortal e a prática de purificação (por meio de vegetarianismo e meditação) para uma vida pós-morte bem-aventurada. Nele, o par mística e ascese já se dá numa ligação indissociável, com fortes consequências antropológicas.

Com Filon¹ de Alexandria (c. 20 a.C.-50 d.C.), primeiro grande filósofo a convergir a escritura judaica com a filosofia grega, introduz-se o projeto de uma interpretação alegórica da Bíblia. Tal prática exegética foi transmitida para a tradição cristã nascente, iniciada por Clemente de Alexandria² (c. 150-215 d.C.) e Orígenes³ (c. 184-253 d.C.), que estabeleceu o uso da palavra diretamente ligado à exegese alegórica, isto é, trata-se do sentido oculto, superior, espiritual, para além do significado literal das passagens da Escritura. Percebe-se que a ideia de ocultamento do segredo dos mistérios deu lugar ao desocultamento exegético do texto sagrado. A reviravolta alternante entre o oculto e o revelado é comum nas práticas místicas: o escondido existe para ser revelado, o revelado existe para ser escondido. Com o passar do tempo, o exercício constante de criatividade e imaginação próprio da decifração exegética alegórica foi produzindo um código de símbolos, especialmente naqueles ligados aos rituais de batismo e eucaristia. A conotação espiritual impelia sempre para a formulação de sistemas simbólicos.

Contudo, apenas no século XVII o adjetivo se transformou em substantivo, com a noção de estado alterado de consciência adquirido por êxtase ou a consecução de uma verdade velada que transforma completamente a vida. Michel de Certeau⁴, que analisa em detalhe o processo de estabelecimento desse sentido, mostra que ele estava ligado à proposta de formação de uma nova disciplina que identificasse textos teológicos de autores contemplativos com vistas a examinar e desenvolver a prática espiritual. Tal identificação era também uma forma de separação (bem artificial) da mística de outras áreas da teologia e do conhecimento em geral.

1 Filon de Alexandria (c.20 a.C.-50 d.C.): filósofo judeo-helenista que viveu durante o período do helenismo. Tentou uma interpretação do antigo testamento à luz das categorias elaboradas pela filosofia grega e da alegoria. Foi autor de numerosas obras filosóficas e históricas, onde expôs a sua visão platônica do judaísmo. (Nota da IHU On-Line)

2 Clemente de Alexandria (ou Tito Flávio Clemente (c. 150-215 d.C.): escritor, teólogo, apologista cristão grego nascido em Atenas. Pesquisou as lendas menos compatíveis com os valores cristãos. Sua abertura a fontes familiares aos não cristãos ajudou a tornar o cristianismo mais aceitável para muitos deles. Clemente foi um erudito numa época em que os cristãos eram geralmente pouco letrados e abertamente hostis a intelectuais. Não obstante, foi capaz de construir argumentos lógicos convincentes, baseados nas escrituras e na filosofia, a favor do cristianismo e contra os gnósticos de Valentim, que, baseados em Alexandria - o mais importante centro de atividade intelectual da época - estavam em plena expansão. (Nota da IHU On-Line)

3 Orígenes de Alexandria ou Orígenes, o Cristão (c. 184-253 d.C.): foi um teólogo, filósofo neoplatônico patristico e é um dos Padres gregos. Um dos mais distintos pupilos de Amônio de Alexandria, Orígenes foi um prolífico escritor cristão, de grande erudição, ligado à Escola Catequética de Alexandria (Nota da IHU On-Line)

4 Michel de Certeau (1925-1986): foi um historiador, jesuíta e erudito francês que se dedicou ao estudo da psicanálise, filosofia, e ciências sociais. Intelectual jesuíta é autor de inúmeras obras fundamentais sobre a religião, a história e o misticismo dos séculos XVI e XVII. O IHU publica regularmente textos sobre Certeau. Entre eles, Michel De Certeau, o pensador jesuíta citado pelo papa no seu discurso sobre a liberdade religiosa, publicada nas Notícias do Dia de 28-09-2015, disponível em <http://bit.ly/2elkzm7>; Há 30 anos, a morte do jesuíta francês Michel De Certeau, "excitateur de la pensée", publicado nas Notícias do Dia de 11-01-2016, disponível em <http://bit.ly/2eciMRY>; e De Certeau, um "sujeito de inquietação verdadeira", publicado nas Notícias do Dia de 12-01-2016, disponível em <http://bit.ly/2e0GBjw>. (Nota da IHU On-Line)



Como o Ocidente criou, de um lado, uma enorme tensão entre o desenvolvimento de disciplinas dentro de academias, universidades e mesmo dentro da Igreja e, de outro, o anseio contemplativo e espiritual, tanto a universidade quanto a Igreja foram repudiando qualquer tentativa de pensar e escrever que contivesse entusiasmo místico. Se o século XVII foi o momento em que o substantivo ‘mística’ apareceu, para engavetar tipos espirituais e entusiasmos (ao carimbar o selo do que é demoníaco e do que é santo), foi finalmente também o momento de expropriação da aura ainda mística de pré-ciências e filosofias diversas.

Não é à toa que a ideia de “Ocidente” está ligada a racionalidade, sensatez, realismo e cientificidade e “Oriente” ou “primitivismo” estão ligadas a intuição, contemplação, iniciação, ritual, ascese, superstição e espiritualidade. É como se o Ocidente não fosse formado e desenvolvido por diversos elementos místicos e como se não houvesse cientificidade e filosofia séria no Oriente. Há uma longa história sobre isso estudada por vários scholars, cito especialmente o importante trabalho de Wouter Hanegraaff⁵ como exemplo.

Com o tempo, inclusive, a palavra mística ficou mais associada a religiões orientais do que ao cristianismo, como se ela não tivesse sido gestada e longamente desenvolvida dentro de discussões e práticas tipicamente teológicas. Associar “mística” a “Oriente” é uma das maiores falácias do senso comum em relação à mística.

Do mesmo modo, há o que podemos chamar de senso comum acadêmico, que reproduz o descarte sistemático de traços místicos e espirituais em qualquer coisa que possa ser estudada como interessante. Tal repúdio é vastamente praticado como resguardo de seriedade científica mas não conhece nada, inclusive academicamente falando, do assunto. Não faz ideia de que existe toda uma teoria da mística, composta por filósofos como William James⁶, Henri Bergson⁷, Walter Terence Stace⁸, o brasileiro Henrique de

5 Wouter Jacobus Hanegraaff: é professor titular de História da Filosofia Hermética e correntes relacionadas na Universidade de Amsterdã, na Holanda. Ele serviu como o primeiro presidente da Sociedade Europeia para o Estudo do Esoterismo Ocidental de 2005 a 2013. (Nota da IHU On-Line)

6 William James (1842-1910): teólogo, filósofo e psicólogo norte-americano. Ao lado de Charles Peirce foi um dos fundadores do pragmatismo. Escreveu livros sobre a ciência da psicologia, religião, misticismo e filosofia do pragmatismo. Sua primeira obra foi sobre a aplicação do funcionalismo à psicologia, intitulado *Princípios de psicologia*. Ao questionar a existência de Deus, a imortalidade da alma e o livre-arbítrio, ele publicou o livro *A vontade de crer* e outros ensaios sobre filosofia popular (1897). (Nota da IHU On-Line)

7 Henri Bergson (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da IHU On-Line, de 24-09-2007, *A evolução criadora*, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois, disponível para download em <http://bit.ly/109AdXn>. (Nota da IHU On-Line)

8 Walter Terence Stace (1886 -1967): foi um funcionário público britânico, educador, filósofo e epistemólogo, que escreveu sobre Hegel, misticismo e relativismo moral. (Nota da IHU On-Line)



Lima Vaz⁹, psicólogos como Joseph Maréchal¹⁰ e Carl Jung¹¹, psicanalistas como Sudhir Kakar¹², William B. Parsons¹³, Guy Rosolato¹⁴, Catherine Millot¹⁵; historiadores como Robert Charles Zaehner, Evelyn Underhill¹⁶, Mircea Eliade¹⁷; teólogos como Karl

9 Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista Síntese. n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo Um Depoimento sobre o Padre Vaz, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A IHU On-Line número 19, de 27-05-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon19>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título Sábio, humanista e cristão. Sobre ele também pode ser consultado na IHU On-Line nº 140, de 09-05-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihuon140>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória em homenagem à Lima Vaz, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon142>. Confira ainda a entrevista "Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa", com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon186>; Vaz e a filosofia da natureza, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 03-07-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Veja também os artigos intitulados O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental, na edição 185, de 19-06-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz, na edição 189, de 31-07-2006, disponível em <http://bit.ly/ihuon189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juarez Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a IHU On-Line 197, de 25-09-2006, trouxe como tema de capa A política em tempos de niilismo ético, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-05-2007, no Simpósio Internacional O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Leia, também, a edição 374 da IHU On-Line sobre o legado filosófico vaziano, de 26-09-2011, em <http://bit.ly/ihuon374>. O Cadernos IHU em sua 42ª edição também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. A revista IHU On-Line publicou recentemente a edição A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica. 'Antropologia Filosófica' de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois, disponível em <http://bit.ly/2efu2M7>. (Nota da IHU On-Line)

10 Joseph Maréchal (1878-1944): padre jesuíta belga, filósofo e psicólogo no Instituto Superior de Filosofia da Universidade de Leuven. A sua obra fundamental é *Le point de départ de la métaphysique: leçons sur le développement historique et théorique du problème de la connaissance* (O ponto de partida da metafísica: lições sobre o desenvolvimento histórico e teórico do problema do conhecimento, em tradução livre), 5 vols, (Bruges-Louvain, 1922-47). (Nota da IHU On-Line)

11 Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

12 Sudhir Kakar (1938): é um psicanalista indiano, romancista e autor nos campos da psicologia cultural e da psicologia da religião. (Nota da IHU On-Line)

13 William B. Parsons: professor de estudos religiosos na Rice University. Ele escreveu e editou vários livros, incluindo *The Enigma of the Oceanic Feeling* (Oxford, 1999), *Teaching Mysticism* (Oxford, 2011), *Religion and Psychology: Mapping the Terrain* (Routledge, 2001). (Nota da IHU On-Line)

14 Guy Rosolato (1924-2012): foi um psicanalista francês que se tornaria presidente da Association Psychanalytique de France (APF). (Nota da IHU On-Line)

15 Catherine Millot (1944): é uma psicanalista e autora francesa lacaniana, professora de psicanálise na Universidade de Paris-VIII. Millot estudou filosofia antes de se voltar à psicanálise. Em 1971 ela começou uma análise de oito anos com Lacan, e participou de seus seminários de 1971 até sua morte. Em 1975, ela começou a lecionar no departamento de psicanálise em Paris VIII. (Nota da IHU On-Line)

16 Evelyn Underhill (1875-1941): foi uma escritora inglesa, conhecida por sua militância pacifista e por seus inúmeros trabalhos sobre prática religiosa e misticismo cristão. Sua obra mais famosa é *Mysticism: A Study in the Nature and Development of Spiritual Consciousness*, publicada em 1911. Desde 2000, a Igreja da Inglaterra comemora Underhill liturgicamente em 15 de junho, ela também é homenageada nesse dia no calendário litúrgico da Igreja Episcopal dos Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

17 Mircea Eliade (1907-1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões, para chegar às origens, que se situariam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu mestrado em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um ashram em Rishikesh, ao pé do Himalaia, na Índia. Em 1933, voltou à Universidade de Bucareste e obteve o doutorado com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de l'qā Mystique Indienne*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi professor de História das Religiões na Universidade de Chicago, Estados Unidos. Foi também honoris causa em numerosas universidades de todo o mundo, além de premiado em 1977 pela Academia Francesa com a Legião de Honra. Sua interpretação essencial para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. Em Eliade, o conceito de hierofania corresponde às manifestações do sagrado, desde aquelas mais elementares, como, por exemplo, sua manifestação num objeto qualquer, em uma pedra ou uma árvore, até a sua forma suprema, que, para um cristão, seria a manifestação de Deus no homem Jesus Cristo, residindo aí um ato misterioso: a manifestação de algo divino em objetos que fazem parte de nosso mundo material, "profano". (Nota da IHU On-Line).

Rahner¹⁸, Paul Tillich¹⁹, Hans Urs von Balthasar²⁰, Thomas Merton²¹; e teóricos mais recentes como Steven T. Katz²², Robert K. C. Forman²³, Julia Kristeva²⁴, Catherine Clément²⁵ e Michel de Certeau. Merecem especial destaque os historiadores específicos, tanto clássicos como Henri Bremond²⁶ quanto os mais recentes como Jacques Le Brun²⁷, Kurt Ruh²⁸ e Bernard McGinn²⁹, cujas obras monumentais dão uma ideia da imensa dimensão do campo, quase comparável à literatura e à filosofia. Diante de uma bibliografia de fontes, crítica e teoria tão numerosa, é espantoso que o desejo

18 Karl Rahner (1904-2004): importante teólogo católico do século XX. Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Doutorou-se em Filosofia e em Teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II e professor na Universidade de Münster. A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: *Geist in Welt* (O Espírito no mundo), 1939, *Hörer des Wortes* (Ouvinte da Palavra), 1941, *Schriften zur Theologie* (Escritos de Teologia). Em 2004, celebramos seu centenário de nascimento e a Unisinos dedicou à sua memória o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI. Veja Karl Rahner. A busca de Deus a partir da contemporaneidade, edição 446 da IHU On-Line, de 16-06-2014, nossa edição mais recente sobre o assunto, disponível em <http://bit.ly/112Cjfg>. Dez anos atrás, a edição número 102, da IHU On-Line, de 24-05-2004, dedicou a matéria de capa à memória de seu centenário, em <http://bit.ly/maOB5H>. Neste meio tempo, a edição 297, de 15-06-2009, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, também retomou o tema e está disponível para download em <http://bit.ly/o2e8cX>. Além de diversos artigos sobre o pensamento do teólogo ao longo do tempo, destacamos também o Cadernos Teologia Pública nº 5, Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner, do Prof. Erico Hammes, disponível em <http://bit.ly/18XbPcU>. (Nota da IHU On-Line)

19 Paul Johannes Oskar Tillich (1886-1965): foi um teólogo alemão-estadunidense e filósofo da religião. Tillich foi contemporâneo de Karl Barth, também um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. (Nota da IHU On-Line)

20 Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada "Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica", disponível no link <https://bit.ly/2OUV574>. (Nota da IHU On-Line)

21 Thomas Merton (1915-1968): monge católico cisterciense trapista, pioneiro no ecumenismo no diálogo com o budismo e tradições do Oriente. O livro *Merton na intimidade - Sua Vida em Seus Diários* (Rio de Janeiro: Físus, 2001), é uma seleção extraída dos vários volumes do diário de Thomas Merton, autor de livros famosos como *A Montanha dos Sete Patamares* (São Paulo: Itatiaia, 1998) e *Novas sementes de contemplação* (Rio de Janeiro: Físus, 1999). O livro foi editado por Patrick Hart, também monge e colaborador de Merton. Na matéria de capa da edição 133 da IHU On-Line, de 21-03-2005, publicamos um artigo de Ernesto Cardenal, discípulo de Merton, que fala sobre sua relação com o monge. A edição 460 da revista IHU On-Line, sob o título *A mística nupcial*. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários analisa a legado de Merton, está disponível em <http://bit.ly/1hbCXyo> (Nota da IHU On-Line)

22 Steven T. Katz: ex-diretor do Centro de Estudos Judaicos Elie Wiesel. É doutor pela Universidade de Cambridge. Ele é membro e ex-copresidente do Comitê Acadêmico do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, presidente da Comissão do Holocausto da Fundação Memorial para a Cultura Judaica e conselheiro acadêmico do presidente dos 31 países que pertencem ao Holocausto Internacional Aliança da Memória (IHRA). (Nota da IHU On-Line)

23 Robert K. C. Forman: é um ex-professor de religião da City University of New York, autor de vários estudos sobre experiência religiosa e coeditor do *Journal of Consciousness Studies*. (Nota da IHU On-Line)

24 Julia Kristeva (1941): psicanalista búlgara, professora de Linguística na Universidade de Paris e autora de mais de trinta livros consagrados. Aluna de Roland Barthes, é uma das mais respeitadas intelectuais da atualidade. Seus pensamentos envolvem teoria literária, semiologia, filosofia e psicologia. Escreveu também quatro romances. Entre suas obras estão: *As Novas Doenças da Alma*, *Estrangeiros para nós mesmos* e *O Velho e os Lobos*. Tornou-se influente em teoria da cultura e feminismo após a publicação de *Séméiôtiké: recherches pour une sémanalyse* (Paris: Edition du Seuil, 1969) (Nota da IHU On-Line)

25 Catherine Clément (1947): é uma escritora, filósofa, crítica literária e ensaísta francesa. É autora de mais de trinta livros. Após a publicação de uma exigente obra ligada à sua formação de filósofa e historiadora, converteu-se, com grande sucesso, à ficção. As suas obras estão hoje traduzidas para 24 línguas. (Nota da IHU On-Line)

26 Henri Brémond (1865-1933): jesuíta e filósofo católico, um dos teólogos modernistas. (Nota da IHU On-Line)

27 Jacques Le Brun (1931-2020): é um historiador religioso francês, modernista e especialista em história e literatura católica do século XVII. (Nota da IHU On-Line)

28 Kurt Ruh (1914-2002): foi um medievalista germânico suíço. (Nota da IHU On-Line)

29 Bernard McGinn: Professor de Teologia Histórica na Divinity School da Universidade de Chicago. (Nota da IHU On-Line)



de estudar, por exemplo, o simbolismo do tarô, relações entre literatura e esoterismo, arte e teologia, filosofia e hermetismo coloque pesquisadores sob suspeita, imputa-lhes uma marca de ingenuidade sem sequer examinar o tipo de abordagem e metodologia.

Quando setores da universidade abolem qualquer possibilidade de estudo no campo culturalmente considerado espiritual, ou desautorizam todas as possibilidades de examinar o elemento espiritual em objetos que possam ter essa dimensão simplesmente porque atribuem em qualquer intenção desse tipo um sinal de cegueira, mania, devoção, loucura, fixação, carolice, não percebem que tal elemento reprimido dentro do campus vai certamente, inequivocamente, surgir fora dele da pior forma.

Uma aproximação perigosa

Quando pressupostos esotéricos surgem no topo de cargos políticos e instituições governamentais, isso pode ser entendido como confirmação de que esse tipo de coisa é perigosa. Já eu considero que o banimento de estudo sério sobre tal campo cultural é que, em grande parte, fomenta o perigo que tais práticas possam conter. Só lhes resta prosperar fora do mundo esclarecido mesmo, afinal. É justamente porque laicos veem em termos como “espiritualidade” e “mística” somente credence que órgãos governamentais passam a ser comandados por adeptos de “Jesus coach”. A “turba” evangélica está aí para invadir sua praia. Quanto mais o acadêmico laico repele a religião, mais o tsunami da religião se alastra pela sociedade.

Parece normal que assuntos religiosos sejam estudados por religiosos e assuntos laicos sejam estudados por laicos, sem aproximação nem mistura. Cada um com seu cada um, ninguém se toca nem se contamina. Quando por acaso um se encontra próximo do outro, usa a máscara do preconceito já bem calcificado. O meu trabalho é justamente bagunçar esse coreto de estereótipos: sou um materialista ateu que mantém sempre um alto grau de interesse por assuntos religiosos, especialmente pela mística.

Não defendo “a mística” (a palavra significa muita coisa e, de fato, há muita credence e fanatismo em muitos lugares), mas defendo o estudo da mística (para, inclusive, praticar a negação determinada da crítica, que vem de *krinein*, isto é, distinguir). Estudar a mística é, inevitavelmente, desmistificá-la, ao dar a ela a dignidade de ser examinada publicamente, em vez de estimulá-la a permanecer secreta e esotérica em certos círculos e atraente e sedutora no meio midiático e editorial, sem a acurácia acadêmica que negavelmente merece.

IHU On-Line – De que forma a mística emerge contemporaneamente em contextos secularizados como, por exemplo, na literatura de ficção?

Eduardo Losso – Do século IV ao século XII o modo de vida predominante de leitores e escritores é o de monges. Dos padres do deserto, como o arquetípico eremita Santo Antão³⁰, à fundação e estabelecimento das ordens monásticas e à construção de mosteiros por toda a Europa, houve a longa elaboração de um modo de vida ascético que combatia vícios e aprimorava virtudes. O lugar de desenvolvimento espiritual e contemplativo passou a ser visto como “fora do mundo”.

No entanto, aquilo que podemos chamar de literatura mística medieval surgiu com maior intensidade no século XIII, com o despontar de mulheres, freiras ou beguinhas, que passaram a falar ou escrever sobre sua busca espiritual e seus êxtases e visões. Um dos fatores que deveriam interessar estudiosos de literatura, especificamente as feministas, é o fato de que não há literatura e teologia mística, a partir daí, sem a marca determinante da escrita feminina. Inclusive, pode-se caracterizar uma obra como “literatura”, outra como “teologia”, mas a fronteira entre as áreas não está nada clara e é justamente isso que dá aos textos de Hadewijch de Antuérpia³¹ (c. 1200-1260), Matilde de Magdeburg³² (1207-1282) e Marguerite Porete³³ (1250-1310) seu caráter deliciosamente poético e reflexivo.

A laicização da mística não ocorreu, nesse caso, na modernidade, ocorreu já no século XIII com o advento das beguinhas, isto é, já no despontar da mística propriamente dita, em contraposição a um peso maior da ascese, na literatura monástica. Elas não só desenvolveram um pensamento fora da Igreja, não mais restrito a mosteiros isolados, como criaram uma série de imanentizações de promessas religiosas na vida cotidiana e urbana, própria daquilo que no tempo foi a afirmação de uma vita apostólica, isto é, contrapondo-se ao isolamento do monasticismo, busca-se uma imersão da vida espiritual no “mundo”, isto é, dentro da sociedade. Uma das principais características da literatura mística é o desenvolvimento da imanentização da redenção na existência comum. Tal ousadia teológica foi devidamente condenada por vários tipos de inquisidores – que eu e outros autores chamamos de

30 Antão do Deserto, também conhecido como Santo Antão do Egito, Santo Antão: foi um santo cristão do Egito, um líder de destaque entre os Padres do Deserto. Ele é cultuado em muitas igrejas nos seguintes dias de festa: 30 de janeiro no velho-calendário da Igreja Ortodoxa e da Igreja Ortodoxa Copta; 17 de janeiro, no novo calendário da Igreja Ortodoxa, na Igreja Ortodoxa Búlgara, na Igreja Católica Romana e na Igreja Católica Copta. (Nota da IHU On-Line)

31 Hadewijch de Antuérpia (também chamada de Hadewijch de Brabante): foi uma poetisa e mística brabantica do século XIII. Hoje é geralmente aceito que Hadewijch foi a “grande senhora” - isto é, a líder religiosa - de um grupo de beguinhas. (Nota da IHU On-Line)

32 Mechthild (ou Mechtild, Matilda, Matelda) de Magdeburg (1207-1282/1294): foi uma cristã mística medieval, cujo livro *Das fließende Licht der Gottheit* (The Light Corrente de divindade) descreveu suas visões de Deus. Ela foi a primeira mística a escrever em alemão. (Nota da IHU On-Line)

33 Marguerite Porete (1250-1310): foi uma mística francesa e autora de *O Espelho das Almas Simples*, uma obra de espiritualidade cristã sobre as relações com o Amor Divino. Ela foi queimada na fogueira por heresia, em Paris, em 1310, depois de um longo julgamento, depois de se recusar a retirar o seu livro de circulação ou se retratar por seus pontos de vista. O livro é citado como um dos principais textos da heresia medieval do Espírito Livre. (Nota da IHU On-Line)



antimísticos – práticos ou teóricos, por exemplo, pelos advogados do discernimento dos espíritos no século XIV.

Um ponto importante em termos de reformulação do cânone literário e teológico é que autoras mulheres sempre foram descartadas dos grandes nomes estabelecidos pela tradição, especialmente as mais ousadas. Marguerite Porete foi, por ter escrito um livro em defesa de uma visão de superação da ascese das virtudes, a primeira vítima documentada da inquisição. Seu livro foi censurado, ela insistiu em divulgá-lo, foi presa, recusou-se a falar com seus inquisidores e, por fim, foi queimada viva, publicamente, na Paris de 1310. A autoria do livro *O espelho das almas simples e aniquiladas* (Petrópolis: Vozes, 2008) só foi redescoberta em 1946, tendo sido republicada em 1965. O estabelecimento de uma *scholarship* da obra só ganhou força nos anos 1980 e 1990. A pesquisa descobriu que o livro foi copiosamente difundido depois de sua proibição, traduzido para outros idiomas e há quem defenda, com fortes argumentos, que influenciou Eckhart³⁴. Porém, se a condenação pode até criar um certo interesse em cópias desautorizadas, com o tempo ela triunfa no esquecimento; só filólogos e historiadores muito dedicados desencavavam tais preciosidades do esquecimento e despertam nelas o interesse contemporâneo.

O que esse exemplo, retirado de uma coleção de vários outros, nos diz? Os místicos, mormente as místicas, sofreram bem mais com censura, perseguição, prisão e morte do que escritores modernos. Porete é uma das maiores pensadoras que já existiram, a carga de originalidade e de ousadia de sua obra é *sui generis* e, mesmo assim, em nome da manutenção da desconfiança laica contra a mística, vamos ignorar tal livro?

Se alguém quiser buscar elementos para a desconstrução do Ocidente, observe como ele tratou a sua mística e reflita no quanto o banimento da mística está ligado à racionalidade dominante. Isso não significa, evidentemente, que tudo quanto é mística deve ser defendida (insisto: não defendo místicas, defendo o estudo delas), significa somente que o imperativo do desencantamento é tão suspeito quanto o imperativo do encantamento. É preciso pensar numa suspensão crítica da oposição simples entre encantamento e desencantamento, ilusão e suspeita. Essa é uma das consequen-

34 Mestre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turíngia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois, para Eckhart devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula *In agro dominico*, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisaica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente. Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, a Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa da IHU On-Line, edição 133. (Nota da IHU On-Line)



ências teóricas de meu trabalho. Mas continuemos nossa trajetória pelo tempo.

Lutero³⁵ (1483-1546), mais um antimístico, quando diferencia o espaço secular do religioso, toma o cuidado de descartar os “entusiasmados” do primeiro, por entrever neles o perigo de uma contaminação da racionalidade que deve reger o espaço público. O desafio que Lutero impôs à Igreja com o novo espaço social conquistado não deve ser aproveitado pelos entusiasmados. Logo, os místicos são expulsos tanto do setor público quanto do religioso, católico e protestante. A secularização retira, no seu despontar, os místicos de seu território, embora os místicos, desde as beguinhas, tenham sido fundamentais para a formação da subjetividade a partir da urbanização de anseios espirituais. Desenvolvi melhor esses pontos em vários artigos, menciono este: “História da mística e modernidade do sublime”, publicado na revista *Trilhas filosóficas*, da UERN, em 2020³⁶.

A decorrente falta de lugar da expressão mística começou, com o tempo, a se deslocar do campo teológico para o campo estético. Místicos viraram poetas, teósofos ou estetas. É o caso de Silesius³⁷ e Jakob Böhme³⁸. Depois, o nascimento da estética enquanto área da filosofia esteve intrinsecamente ligada aos pietistas alemães. Todo o pré-romantismo de Rousseau³⁹ e Novalis⁴⁰, contrário à separação cartesiana de sujeito e objeto, celebra a sacralidade da natureza porque a filosofia natural renascentista já estabelecera um exame encantado de plantas, pedras, estrelas e animais, com a interpenetração de sujeito e objeto, regida pelas correspondências. No século XIX, Blake⁴¹, Balzac⁴², Baudelaire⁴³

35 Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutemberg em 1453. A edição 514 da Revista IHU On-Line, Lutero e a Reforma – 500 anos depois. Um debate, dedica-se ao teólogo. Disponível em <http://bit.ly/315tT81>. (Nota da IHU On-Line)

36 Disponível em <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTF/article/view/2010>. (Nota do entrevistado)

37 Angelus Silesius (1624-1667): pseudônimo de Johannes Scheffler, poeta germânico, nascido em 1624 em Breslau, Polônia, e falecido na mesma cidade em 1667. (Nota da IHU On-Line)

38 Jakob Böhme (1575-1624): filósofo e místico alemão, por vezes grafado como Jacob Boehme. Tendo sido educado como luterano, trabalhou como sapateiro em Görlitz. (Nota da IHU On-Line)

39 Jean Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da IHU On-Line, de 22-04-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihuon415>. (Nota da IHU On-Line)

40 Novalis ou Georg Philipp Friedrich von Hardenberg (1772-1801): Freiherr (barão) von Hardenberg, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis, foi um dos mais importantes representantes do primeiro romantismo alemão de finais do século XVIII e o criador da flor azul, um dos símbolos mais duráveis do movimento romântico. (Nota da IHU On-Line)

41 William Blake (1757-1827): foi o primeiro dos grandes poetas Românticos ingleses, como também pintor, impressor, e um dos maiores gravadores da história inglesa. Sua pintura foi definida como pintura fantástica. (Nota da IHU On-Line)

42 Honoré de Balzac (1799-1850): dramaturgo francês, autor do conjunto de romances *Comédia Humana*. Representante da transição na passagem do romantismo para o realismo, ele mistura aspectos das duas tendências. (Nota da IHU On-Line)

43 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

e Poe⁴⁴ leram com dedicação Swedenborg⁴⁵, que era um “iluminado” em pleno iluminismo, e todo o pré-simbolismo (Nerval⁴⁶, Rimbaud⁴⁷, mulheres interessantíssimas como Judith Gautier⁴⁸) e o simbolismo (Verlaine⁴⁹, Mallarmé⁵⁰, Laforgue⁵¹, Maeterlinck⁵², Valéry⁵³, Gide⁵⁴, Wilde⁵⁵) tornaram a teoria das correspondências uma poética específica e influente. Desenvolvi melhor esses pontos no artigo “Etapas da secularização da mística na literatura moderna”, da Revista Cerrados, da UnB⁵⁶, e num artigo mais específico sobre Novalis, “História, analogia e natureza em Novalis”, publicado na Revista Pandaemonium Germanicum, da USP⁵⁷.

Mencionei diferentes manifestações artísticas e espirituais em diferentes momentos históricos. O curioso está na transformação da função: no século XIII, há uma secularização da ascese religiosa monástica; no século XVI, há uma formação do espaço público dele retirando os entusiasmados; na filosofia e poesia natural renascentista, há um deslocamento do território teológico oficial para o exame da natureza; no final do século XVIII, há uma revolta contra o iluminismo que retoma a leitura das correspon-

44 Edgar Allan Poe (1809-1849): Escritor, poeta, romancista, crítico literário e editor estadunidense. Poe é considerado, juntamente com Jules Verne, um dos precursores da literatura de ficção científica e fantástica modernas. Algumas das suas novelas, como *The Murders in the Rue Morgue*, *The Purloined Letter* e *The Mystery of Marie Roget*, figuram entre as primeiras obras reconhecidas como policiais, e, de acordo com muitos, as suas obras marcam o início da verdadeira literatura norte-americana. (Nota da IHU On-Line)

45 Emanuel Swedenborg (1688-1772): foi um polímata e espiritualista sueco, com destacada atividade como cientista, inventor, místico e filósofo. Desenhou uma “máquina de voar”, fundou a primeira revista científica da Suécia, publicou obras em campos tão diversos como a geologia, a biologia, a astronomia e a psicologia, e deu origem a uma nova religião, o swedenborgianismo. (Nota da IHU On-Line)

46 Gérard de Nerval (1808-1855): foi um escritor do século XIX. É um dos autores mais importantes da literatura francesa. (Nota da IHU On-Line)

47 Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês. Produziu suas obras mais famosas quando ainda era adolescente, sendo descrito por Paul James, à época, como “um jovem Shakespeare”. (Nota da IHU On-Line)

48 Judith Gautier (1845-1917): foi uma escritora e poetisa francesa. (Nota da IHU On-Line)

49 Paul Marie Verlaine (1844-1896): é considerado um dos maiores poetas da Simbolismo francês. (Nota da IHU On-Line)

50 Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são “L’après-midi d’un faune” (1876), “Herodias” (1869) e “Un coup de dés” (1897). Outras obras importantes de Mallarmé são a antologia *Verso* e prosa (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). Mallarmé destacou-se por uma literatura que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista “A quase-arte de Mallarmé”, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS, publicada nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. (Nota da IHU On-Line)

51 Jules Laforgue (1860-1887): foi um poeta inovador e romancista de idioma francês, muitas vezes tratado como um poeta simbolista, porém, mais frequentemente classificado como decadente. Críticos e comentaristas da sua obra também têm defendido uma influência do Impressionismo na sua poesia. (Nota da IHU On-Line)

52 Maurice Polydore Marie Bernard Maeterlinck (1862-1949): foi um dramaturgo, poeta e ensaísta belga de língua francesa, e principal expoente do teatro simbolista. No final de sua vida, Maeterlinck foi acusado de cometer plágio. (Nota da IHU On-Line)

53 Paul Valéry (1871-1945): nascido Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry, foi um filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista cujos escritos incluem interesses em matemática, filosofia e música. (Nota da IHU On-Line)

54 André Gide (1869-1951): Escritor francês. (Nota da IHU On-Line)

55 Oscar Wilde [Oscar Fingal O’Flahertie Wills Wilde] (1854-1900): escritor irlandês. Criado numa família protestante, em 1892 começou uma série de comédias, hoje clássicos da dramaturgia britânica: *O leque de Lady Windermere* (1892); *Uma mulher sem importância* (1893); *Um mardio ideal* e *A importância de ser fervoroso* (ambas de 1895). Também publicou contos como *O príncipe feliz* e *O rouxinol e a rosa*. Seu último romance foi *O retrato de Dorian Gray*. (Nota da IHU On-Line)

56 Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/issue/view/1944/529>. (Nota do entrevistado)

57 Disponível em <https://www.revistas.usp.br/pg/article/view/172409>. (Nota do entrevistado)

dências naturais com o advento do sujeito artístico romântico, que, por sua vez, deve muito à elaboração do espaço interior da mística nupcial; no século XIX, explora-se a teoria das correspondências dentro da própria linguagem poética; no século XX, ela imerge no plano surreal do inconsciente e da escrita automática na prática da associação livre. Nota-se que já houve “secularização da mística” dentro daquilo que entendemos como a mística mais tradicional. A mística foi, desde o século XIII, um impulso decisivo de imanentização. O que ocorreu em seguida, ao longo de um vasto processo histórico, foi a passagem do ímpeto imanentista da mística para fora da teologia, sendo barrada do espaço secular recém-conquistado, porém se imiscuindo em brechas estéticas dentro dele mesmo, até o ponto de atingir a literatura moderna.

Espero que tenha ficado claro que essa apressada viagem no tempo não é feita para produzir uma linha de tradição perdida a ser reconstituída e adorada, nem mesmo uma defesa de tudo quanto é mística. Citei místicas literárias de alta qualidade estética, mas existem movimentos dogmáticos, alienantes, inclusive tendências neofascistas e seitas suicidas. Ao contrário de alguns amantes do assunto, eu não postulo que exista a mística “verdadeira” e a “falsa”. Não faço hierarquias de valor do que é bom ou não é, sobretudo, não me interessa defender esta ou aquela. Estou mais interessado em examinar o panorama histórico, que a cada dia é enriquecido por novas descobertas, e refletir sobre como os conflitos sociais esclarecem no entendimento de expressões culturais.

Um dos péssimos hábitos de leitura em alguns setores de humanidades é criar uma relação íntima de identificação entre o pesquisador e o objeto estudado, em que tudo o que se escolhe para se estudar deve ser advogado, deve ser justificado com critérios éticos de valor, que geralmente ditam os estéticos. No fundo, a defesa de seu objeto vira uma discussão moral. Em vez de se ter a liberdade de examinar minúcias do passado com a liberdade que o distanciamento temporal deveria nos dar, muitos despejam todos os seus preconceitos neles. Gosto de estudar mística, mas na disposição distensa de minha curiosidade e liberdade, não tenho nenhuma obrigação de defendê-la com base em critérios supostamente avançados mais que duvidosos.

IHU On-Line – Em que sentido podemos ler a obra de Clarice Lispector a partir de uma chave de leitura mística?

Eduardo Losso – Não prezo a ideia de ler a partir de uma “chave de leitura mística”. O tempo da exegese alegórica já passou. Em termos de noções básicas de teoria da literatura, não devemos ter chave de leitura para o texto literário, muito menos mística. Nesse sentido, é preciso desmistificar a mística das “chaves de leitura”. É o texto que dita como ele deve ser lido, não a teoria, qualquer que seja. E tudo o que não quero é ser confundido com alguém que aplica uma abordagem mística. Também não consi-

dero frutífero chamar qualquer escritor moderno de “místico”. Entrar na discussão de se Nerval, Rimbaud e Mallarmé são místicos ou não me enfastia. Não são, por diversos motivos, especialmente porque a literatura constituiu um espaço de autonomia no século XIX e ligar escritores ao campo religioso é sempre uma forma de ferir sua independência. Se os místicos tanto sofreram ao serem expulsos e excomungados de sua base tradicional institucional, os escritores tampouco podem ser associados aos místicos facilmente. A questão não é rotular o autor ou a obra de místico.

O que me interessa são, sim, traços místicos na literatura moderna. Tais traços não são elementos enevoados que podem ser vistos como místicos ou não, estão ligados a uma densa e intrincada história de conflitos entre o espaço eclesiástico e laico, de um lado, e o campo dos anseios espirituais, de outro, por isso me demorei tanto aqui em esboçar essa história, que é muito ignorada tanto pelos entusiastas da mística quanto pelos seus opositores.

Mas, para responder à pergunta sobre como o conhecimento dessa história e a elaboração teórica dela, que está dentro do que devemos chamar de teoria da mística, é útil para ler Clarice, vou me servir de um artigo recente de Evando Nascimento⁵⁸ no Suplemento Pernambuco intitulado “Clarice, obra intelectual e sensível”, publicado em 10-12-2020⁵⁹. Nele, o autor cita uma entrevista em que Clarice se diz intuitiva, ignorante e sem condições de ser intelectual para, em seguida, questionar a oposição entre intuitivo e intelectual e relatar elementos de sua biografia que modificam a visão costumeira que dela se tem como dona de casa: ela foi professora de matemática e estudou direito. A questão que persiste é, então, por que Clarice se diz ignorante, se ela, de fato, não é? Retórica da modéstia? Conflito pessoal com o lugar de intelectual?

Afinal, Evando Nascimento é um dos críticos que mais insiste na ligação entre filosofia e literatura e nomeia a ficção clariciana de literatura pensante. Acrescento ainda que houve todo um debate, nos anos 1990 e 2000, em torno da vizinhança entre filosofia e poesia, em que tanto teóricos como Luiz Costa Lima⁶⁰ e Benedito

58 Evando Nascimento: é escritor, ensaísta, artista visual e professor universitário. É graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e em licenciatura em Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Realizou mestrado em Literatura Brasileira, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É autor dos livros de ficção *A desordem das inscrições* (Contracantos – 7Letras, 2019), *Cantos profanos* (Rio de Janeiro: Globo/ Biblioteca Azul, 2014), livro semifinalista do Prêmio Oceanos-Itaú Cultural 2015; *Cantos do mundo* (Record, 2011); finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012; e *Retrato desnatural: diários 2004 – 2007* (São Paulo: Record, 2008), semifinalista do Prêmio Portugal Telecom 2009. Seu trabalho se move principalmente entre Literatura, Filosofia & Artes. (Nota da IHU On-Line)

59 Disponível em http://www.evandonascimento.net.br/ensaios/clarice_obra_intelectual_e_sensivel.pdf. (Nota do entrevistado)

60 Luiz Costa Lima (1937): crítico literário, nasceu em São Luiz do Maranhão. Iniciou a carreira universitária em 1962, na Universidade de Pernambuco. Estudou na Espanha e nos Estados Unidos e doutorou-se em 1972 pela USP em Teoria da Literatura e Literatura Comparada. Foi professor visitante na Ruhr-Universität, Alemanha. (Nota da IHU On-Line)

Nunes⁶¹ quanto poetas filósofos como Antonio Cicero⁶² e Alberto Pucheu⁶³ se envolveram. Eu me formei observando essa rica discussão. Na homenagem aos 1960 anos de Evando Nascimento, que ocorreu recentemente, Antonio Cicero o indaga, inclusive, sobre esse ponto.

Sobre esse ponto, há um dossiê chamado As muitas coisas de Clarice Lispector, da Revista Letras da UFPR, Nº 98 - Jul./Dez. 2018, organizado por Alexandre Nodari⁶⁴ (UFPR) e João Camillo Penna⁶⁵ (UFRJ), no qual se encontra uma série de artigos que observam na obra de Clarice a relação com o conceito filosófico de coisa. No primeiro artigo do dossiê, Eduardo Viveiros de Castro⁶⁶ afirma que considera “Oswald, Clarice e Rosa como os maiores pensadores brasileiros do século XX. Pensadores, literalmente”, pois, em literaturas menores fora das grandes tradições de língua europeia (inglês, francês e alemão), “quem exerce a função que cumprem os filósofos na grande tradição são os literatos: poetas, romancistas, ensaístas”. A questão persiste: se Clarice é um dos três maiores pensadores brasileiros do século XX, por que ela se considera ignorante?

O mito do "intuitivismo" dos escritores e especialmente das escritoras tem uma longa história. Michel de Certeau, no livro *Fábula mística* (Editora Forense Universitária, 2015), desenvolve em detalhe como, tanto no século IV quanto nos séculos XVI e XVII, há toda a

61 Benedito Nunes: é autor de estudos sobre Mario Faustino e Clarice Lispector e de uma vasta obra. Estudioso dos pensadores alemães, sobretudo de Kant, Heidegger e Nietzsche, suas análises procuram transitar nas fronteiras entre o devaneio criador e a análise conceitual. É nesse sentido que a recepção de Benedito Nunes propõe uma dimensão lírica-existencial-crítica, única no ensaísmo brasileiro. Discute a tradição clássica em que a literatura e a filosofia estão interligadas, ora de maneira litigiosa, ora passivamente. Mostra a inseparabilidade dos princípios metafísicos com os poéticos e explica como é legitimado o diálogo. O filósofo, crítico e escritor foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia do Pará. Autor de *O Mundo de Clarice Lispector* (São Paulo: Ática, 1966), *Oswald Canibal* (São Paulo: Perspectiva, 1979) e *O Crivo de Papel* (São Paulo: Ática, 1999). (Nota da IHU On-Line)

62 Antonio Cicero Correia Lima (1945): é compositor, poeta, crítico literário, filósofo e escritor brasileiro. Em 10 de agosto de 2017 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras. (Nota da IHU On-Line)

63 Alberto Pucheu (1966): é poeta e ensaísta brasileiro, professor de Teoria Literária do Departamento e do Programa de Pós-Graduação de Ciência da Literatura da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

64 Alexandre Nodari: é professor de Literatura Brasileira e Teoria Literária da Universidade Federal do Paraná - UFPR; colaborador dos Programas de Pós-Graduação em Letras e Filosofia da mesma instituição. Editor da revista *Letras* e coordenador do SPECIES – Núcleo de antropologia especulativa. Fez o doutorado sobre o conceito de censura e o mestrado sobre a Antropofagia, ambos no PPGL/UFSC sob orientação de Raúl Antelo. Coministrou, com Eduardo Viveiros de Castro, o seminário de pós-graduação “Do matriarcado primitivo à sociedade contra o Estado: cartografia da hipótese antropofágica” no Museu Nacional/UFRJ. Concedeu e a entrevista “Transformar-se em nós-outros”, publicada na edição 543 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/2PkvT9J>. (Nota da IHU On-Line)

65 João Camillo Penna: graduado e especialista em Letras Modernas, pela Universidade de Paris, onde também realizou o mestrado na mesma área. Doutorou-se em Literatura Comparada, pela Universidade da Califórnia, nos EUA. É pós-doutor, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é, atualmente, professor adjunto. É autor de *A imitação dos modernos* (São Paulo: Paz e Terra, 2000). Concedeu a entrevista “O homem, as máquinas e o futuro” publicada nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1d6G0jW>. (Nota da IHU On-Line)

66 Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista “O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife” à edição 161 da IHU On-Line, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Arawete: O Povo do Ipixuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem* (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

construção de um tipo social “idiota” que é ao mesmo tempo ingênuo e santo, ignorante e abençoado, pois possui um contato privilegiado com Deus. Em várias autoras místicas esse tópico efetivamente mítico, imaginário, incide na construção da realidade e é recorrente. A começar por Hildegard de Bingen⁶⁷ (1098-1179), a grande visionária da literatura medieval do século XII. Ela repete várias vezes no seu livro de visões chamado *Scivias*, abreviação de *Scito vias Domini* (Conhecei os caminhos do Senhor, de 1151), que não sabe nada do que fala, somente ouviu e viu o que escreve diretamente de Deus. Porém, ao examinar sua biografia, constata-se que era uma erudita: tinha conhecimentos específicos de medicina da época e, é claro, de teologia. Todas as escritoras do século XIII repetem esse motivo: “não sei nada, só sinto” e, no entanto, muitas são grandes leitoras, o que explica serem ótimas escritoras, como Porete, Matilde e Hadewijch.

Há algo mais do que modéstia nesse caso. Trata-se do tipo de ‘auctoritas’ da mulher: não era viável ser levada em consideração porque “sabe”, pois simplesmente não se permitia a mulheres a educação formal nem em escolas nem em universidades. Logo, para transmitir o que queriam, elas precisavam afirmar serem “possuídas”.

O mais impressionante é que essa estrutura da autoridade medieval tenha se secularizado e esteja por trás tanto de declarações de escritoras modernas, como Clarice, quanto na forma como elas são recebidas pela crítica e pelo público. Tanto Hildegard e Porete quanto Clarice acreditam sinceramente serem ignorantes e intuitivas, mas formulam, contudo, altas elaborações intelectuais, verdadeiramente autorais.

IHU On-Line – No caso de Clarice Lispector, especialmente, onde a dimensão mística fica mais evidente?

Eduardo Losso – Pergunta difícil e necessária. Como falei acima, não interessa chamar Clarice de mística. Por outro lado, o que não falta em sua obra são momentos de experiência mística e elucubrações que muito devem ao pensamento místico. Retiremos um exemplo da declaração de Ângela, de *Sopro de vida* (Rio de Janeiro: Rocco, 1999): “O espírito possuía o corpo, o corpo latejava ao espírito. Como se estivesse fora de mim, olhei-me e vi-me. Eu era uma mulher feliz. Tão rica que nem precisava mais viver. Vivía de graça”. Quase que o livro inteiro é um denso diálogo entre o “autor” e “Ângela” em torno da experiência espantosa. Em A

⁶⁷ Hildegarda de Bingen (1098-1179): mística, filósofa, compositora e escritora alemã, abadessa de Rupertsberg em Bingen. Hildegarda foi autora de várias obras musicais de temática religiosa, incluindo *Ordo Virtutis*, uma espécie de ópera que relata um diálogo de um grupo de freiras com o diabo. Escreveu ainda dois dos únicos livros de medicina produzidos na Europa no século 12, nos quais demonstrou um conhecimento notável de plantas medicinais. Hildegarda alegava ter visões inspiradas por Deus e que o próprio a incentivou a escrever. Após quatro tentativas de canonização, Hildegarda permaneceu apenas beatificada. Leia também Hildegard de Bingen, mística medieval e santa doutora da Igreja, disponível em <http://bit.ly/1wElySG>; Hildegard de Bingen e a igualdade homem-mulher, disponível em <http://bit.ly/1GL2Hbc>; Hildegard de Bingen: os bastidores de uma promoção tardia, disponível em <http://bit.ly/1zrjHBL> e Hildegard de Bingen: futura Doutora da Igreja, disponível em <http://bit.ly/13thKKs>. (Nota da IHU On-Line)

descoberta do mundo (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), há um texto tematizando o estado de graça: “As descobertas nesse estado são indizíveis e incomunicáveis”. Ela insiste, tanto num caso quanto no outro, que seu estado de graça não é aquele dos santos, não se dá fora da vida comum, ocorre no interior do mundo, do cotidiano. O milagre não é sobrenatural, o sobrenatural é natural. Clarice reitera esse ponto em vários momentos. Para os que se irritam com a mística, eis a prova perfeita de que a experiência extática apresentada por ela não tem nada a ver com a mística tradicional. Para os entusiastas da mística, dizer que o sobrenatural é natural é a prova de que o tão ansiado sobrenatural existe, basta somente “saber vê-lo”.

De fato, o que a mística do século XIII em diante mais fez foi imanentizar o divino no mundo comum, desautorizá-lo e desierarquizá-lo. Logo, esse tipo de formulação, que se espanta com a experiência extraordinária e ao mesmo tempo a repõe no ordinário, é tipicamente mística. Não há nada mais místico do que apresentar um patamar de autossuperação para em seguida superá-lo rebaixando-o. As diferentes formas de ascensão da alma construídas por místicos se regalam em superar a superação com a imanentização. O místico cria voltas e rodeios dialéticos intermináveis com jogos retóricos de superação e simplificação. O mais elevado é o mais rebaixado, o máximo está no ínfimo: esse tipo de oxímoro tem a marca infalível da escrita mística. Ao mesmo tempo, a experiência está para além das palavras, é “indizível e incomunicável”. As palavras só alcançam o mediano: os pontos extremos de altura e profundidade, que se equivalem, são inalcançáveis para a linguagem e o pensamento. De qualquer modo, Clarice não para de falar sobre o indizível, rodear o ponto inapreensível, assim como Pseudo-Dionísio Areopagita, Porete, Eckhart, Silesius, Teresa de Ávila e João da Cruz.

Curiosamente, não são poucos os tipos de escrita e pensamento que retomam tais motivos. Diferentes filosofias e teorias do século XX, com seus vários filósofos frequentemente citados, exploram tais abismos exaustivamente: Heidegger⁶⁸ e Derrida⁶⁹, Bataille⁷⁰ e Fou-

68 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 03-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, *Cadernos IHU em Formação* nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-05-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana.* (Nota da IHU On-Line)

69 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria *Memória*, da *IHU On-Line* nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)

70 Georges Bataille (1897-1962): escritor, antropólogo e filósofo francês. O erotismo, a transgressão e o sagrado são temas abordados em seus escritos. Sua correspondência foi publicada em 1997 pela Gallimard sob o título *Choix de lettres 1917-1962*. (Nota da IHU On-Line)

cault⁷¹, Blanchot⁷² e Lacan⁷³, Lyotard⁷⁴ e Agamben⁷⁵, Benjamin⁷⁶ e

71 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 06-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 06-06-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

72 Maurice Blanchot (1907-2004): filósofo, romancista, crítico literário e jornalista francês, autor de O espaço literário (Rio de Janeiro: Rocco, 2000), Pena de morte (Rio de Janeiro: Imago, 1991) e El paso (no) más Allá (Barcelona: Paidós, 1994). (Nota da IHU On-Line)

73 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista IHU On-Line, de 4-08-2008, intitulada A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"? [ne cède pas sur ton désir]?, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada Desejo e violência, disponível em <https://bit.ly/2HMLQAW>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?, disponível em <https://bit.ly/2KApKzk>. (Nota da IHU On-Line)

74 Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, A fenomenologia (Lisboa: Edições 70, 1954), O inumano: considerações sobre o tempo (Lisboa: Estampa, 1990), Heidegger e 'os judeus' (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e A condição pós-moderna (8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004). (Nota da IHU On-Line)

75 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), A linguagem e a morte (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), Infância e história: destruição da experiência e origem da história (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); Estado de exceção (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e Profanações (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-09-2007, publicou a entrevista Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/ZZRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-2016, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-03-2016 a 22-06-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas, que resultou na publicação da edição 241 dos Cadernos IHU ideias, intitulado O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy07S7>. Em 23 e 24-05-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore>. Em 2017 a revista IHU On-Line publicou a edição Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna, nº 505, disponível em <http://bit.ly/2NXjQwT>. (Nota da IHU On-Line)

76 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como Quadros parisienses, de Charles Baudelaire, e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936), Teses sobre o conceito de história (1940) e a monumental e inacabada Paris, capital do século XIX, enquanto A tarefa do tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista Walter Benjamin e o império do instante, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

Adorno⁷⁷. Derrida e Adorno são os dois autores mais especialmente conscientes da tradição da teologia negativa (a base de toda essa forma de pensar), que se encontra na chamada mística especulativa. Tratei disso em minha tese de doutorado.

Um dos nomes do debate americano sobre o pós-modernismo, Steven Connor⁷⁸, disse que há na teoria um sedento anseio pelo sublime, que mobiliza todos os seus artifícios de linguagem e fracassa, em suma, goza de seu esforço em torno do fracasso, algo que começa com Hegel⁷⁹ e vai muito longe. O que ele chama de sublime podemos tranquilamente chamar de mística. No meu artigo acima citado esmiucei a relação entre os dois conceitos. Há uma secularização da mística da teoria em torno da negatividade indizível, inapreensível, inapropriável. Ela não quer ter nada a ver com Deus, visão, milagre, mas quer ser um êxtase da materialidade textual e corporal. Nega Deus para falar de vazio, nada, real, corpo e, mesmo assim, encontra-se aí uma homologia gritante com o deus outrora ansiado.

Os avessos à mística insistem que a modernidade é a idade da ironia, da finitude, do desencantamento, e eles têm razão. O que as teorias nas quais eles se baseiam procuram é a infindável desconstrução da metafísica, logo, destruição do idealismo, para alcançar uma espécie de encantamento sem ilusão. Encantamento depurado, purgado de todo idealismo. Não Deus, mas o real. Não o sobrenatural, mas a linguagem. Não o Um, mas a diferença. E as palavras “mística”, “espiritualidade”, “contemplação”, tal como eles a escutam, estão impregnadas de todos os sintomas de ilusão.

Por isso, devemos dizer que nem Clarice nem tais teóricos são místicos. Eles produzem, contudo, aquilo que chamo de diferentes modalidades de secularização da mística. Secularização da mística é um processo, habitado por inúmeras mediações, em que a mística do passado está distante, não mais existe como tal, mas

77 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de idéias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt (Nota da IHU On-Line)

78 Steven Kevin Connor (1955): é um estudioso literário britânico. Desde 2012 é professor na Universidade de Cambridge. Foi diretor acadêmico do London Consortium e professor de literatura e teoria moderna na Birkbeck da Universidade de Londres. (Nota da IHU On-Line)

79 Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da IHU On-Line, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito*, de (1807-2007), em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 09-06-2008, Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; Hegel. A tradução da história pela razão, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e Hegel. *Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/lldAkV>. (Nota da IHU On-Line)

seus traços de vigor e intensidade não se arrefecem, pelo contrário. Tornam-se cada vez mais fortes quanto mais ignorados são.

IHU On-Line – Quem ou que é o Deus clariciano?

Eduardo Losso – Não me agrada dizer que há um Deus de Clarice, mas Clarice se torna uma espécie de autora divina diante da mística das teorias pós-modernas. O matrimônio espiritual entre as teorias pós-metafísicas da negatividade e Clarice é patente. Aí se entrevê um aspecto interessante. Há uma multidão na crítica clariciana que repete indefinidamente tais motivos teóricos (superações dialéticas ou desconstrutivas, revelações noéticas da simplicidade, paradoxos extremos, formas de inapreensibilidade) ignorando sua matriz mística ou fazendo questão de separar as coisas com aquele afã de desvalorizar a mentalidade ultrapassada medieval e valorizar a autonomia moderna, repetindo clichês de caracterização do pré-moderno. Nesse caso, o orgulho do moderno, pós-moderno ou contemporâneo pretende justificar o descarte da mística, como se ela não atravessasse a modernidade, secularizada, em incontáveis fenômenos. Por outro lado, há alguns críticos bem conscientes e amantes de tradições místicas que buscam a todo custo identificar as semelhanças, equivalências e proximidades entre tais tradições e a obra de Clarice.

Os críticos que apontam tais semelhanças são vistos pelos que são adversos à mística como ingênuos, porque eles tendem ignorar a especificidade da obra da autora, a não fazer análise imanente, a ser demasiadamente gerais, tendem a ignorar peculiaridades formais nos seus piores casos e, mesmo nos melhores, não conseguem se desvencilhar do ímpeto irresistível da harmonização entre os dois polos comparativos.

A meu ver, tais semelhanças deveriam ser trabalhadas a partir da evidente diferença histórica e enunciativa. Falta alguma formação em teoria da literatura e categorias de análise. Quem é da área, como eu, reconhece de longe os equívocos de quem não respeita as configurações específicas de textualidade e ficcionalidade. Porém, mais além da afirmação ou negação de semelhanças, eu penso que é preciso reconstituir o percurso histórico de diferentes místicas, os seus conflitos com instituições religiosas e laicas, seus deslocamentos de espaço cultural e de função, para, finalmente, encontrar alguma clareza no entendimento de modalidades de secularização da mística. Sem passar por esse percurso, os traços místicos em Clarice e em outras obras ficam soltos, podem ser artificialmente aglutinados por relações de semelhança ou podem ser ignorados mas reproduzidos reiteradamente no espelhamento vicioso entre teorias da negatividade e o discurso ficcional negativo de Clarice.

IHU On-Line – Em que sentido a literatura é uma metáfora integral da vida e como essa característica converge à mística?

Eduardo Losso – Esse é um tema bem proustiano que vigora em Clarice. Começa no simbolismo: é nele que a literatura vira uma espécie de “religião da arte” (palavras de Cruz e Sousa), tudo o que existe converge para o livro, como quer Mallarmé. Pode-se dizer, sim, que há uma mística bem moderna nesse enaltecimento da literatura frente às religiões, às ciências e à imprensa, ou melhor, mais um exemplo de secularização da mística que vigorou do século XIX (o século de literatura) até os anos 1970, momento em que a televisão passou a imperar e as máquinas de imagem esmagaram o atrativo pelo livro, o que motivou a teoria contemporânea a pensar a questão da “morte da literatura”. As mesmas teorias que elegeram na literatura a sua sereia predileta tiveram de constatar o seu canto do cisne.

Nesse sentido, a obra de Clarice fez parte do canto do cisne das belas letras. A hora da estrela, com a poderosa tensão entre o homem escritor e a mulher negra semiletrada pode ser lida como uma espécie de agonia da potência (mística) da literatura.

IHU On-Line – A narrativa clariciana é marcada, em muitas obras, por silêncios. Qual a relação entre silêncio e mística e de ambos com a literatura?

Eduardo Losso – “Para tudo: criei o silêncio”, é o que diz Ângela de Um sopro de vida. “A linguagem de tal vida divina é o silêncio secreto do amor divino”, diz Marguerite Porete. São diferentes exemplos de descoberta da escuta do vazio como algo escondido mas sempre presente, que sempre esteve lá. Esse recolhimento da escuta, que, de repente, desvela o maravilhamento com a solidão, encontra nela um universo de possibilidades criativas, a própria “linguagem da vida divina”.

Em nome do silêncio da leitura de Clarice, vale a pena citar algumas realizações da crítica. No dossiê de Alexandre Nodari e João Camillo Penna encontramos vários artigos que examinam a relação ontológica entre o nada e a coisa, o silêncio e o vazio. O artigo de Camillo Penna, Das Ding é um grande exemplo de como a filosofia heideggeriana da coisa pode ser usada não somente para se espelhar no texto clariciano, mas para apontar tanto as proximidades entre Clarice e Heidegger quanto as diferenças. Camillo usa Heidegger para reconstituir o esquecimento utilitário da coisa na técnica como modo de situar a historicidade metafísica do conceito e delinear a ocorrência da palavra no texto clariciano, especialmente no conto “Uma galinha”. A família de classe média só percebe algo fora de seu círculo funcional quando este sai do controle, o que ocorre com a galinha, no momento em que se dá o nexos entre a coisa e o animal. A análise minuciosa de Camillo sobre o conto, ao mesmo tempo em que se serve com precisão



afiada de consultas teóricas para contextualizar conceitos, é um verdadeiro exemplo de como fazer leitura imanente e filosófica simultaneamente, sem pesar demais nem de um lado nem de outro e sem que um lado ignore a contribuição de outro. Camillo tem um outro artigo sobre a epifania em Clarice, “O nu de Clarice Lispector”, publicado em 2010 na revista *Alea* da UFRJ, que perseguiu o conceito de epifania de Joyce⁸⁰ a Tomás de Aquino⁸¹, do Dia dos Reis a Paulo⁸², o apóstolo, para costurar a trama que o envolve e situar enganos e desleixos da crítica em relação a ela. Esse artigo trava a luta da teoria e da crítica consigo mesma em torno de perspectivas de superação e imanentização. Camillo sublinha que a relação de Clarice com a epifania não é triunfal, é fracassada, o que a crítica embevecida geralmente não enxerga, e que só pode ser pensada a partir daí.

Numa conferência que pode ser vista no YouTube, Camillo diz, ao lado de Belinda Mandelbaum⁸³ e Enrique Mandelbaum⁸⁴, que as marcas de narrativas do hassidismo judaico (uma de suas mais impressionantes correntes místicas) foram esquecidas por famílias judias imigrantes mas, no caso de Clarice, guardadas

80 James Joyce (1882-1941): foi um romancista, contista e poeta da Irlanda que viveu boa parte de sua vida expatriado. É amplamente considerado um dos autores de maior relevância do século XX. Suas obras mais conhecidas são o volume de contos *Dublinenses/Gente de Dublin* (1914) e os romances *Retrato do Artista Quando Jovem* (1916), *Ulisses* (1922) e *Finnegans Wake* (1939) - o que se poderia considerar um “cânone joyceano”. Também participou dos primórdios do modernismo poético em língua inglesa, sendo considerado por Ezra Pound um dos mais eminentes poetas do imagismo. (Nota da IHU On-Line)

81 Tomás de Aquino (1225-1274): padre dominicano, teólogo, distinto expoente da escolástica, proclamado santo e cognominado *Doctor Communis* ou *Doctor Angelicus* pela Igreja Católica. Seu maior mérito foi a síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica anterior. Sistematizou o conhecimento teológico e filosófico de sua época em suas duas *Summae*: *Summa Theologiae* e *Summa Contra Gentiles*. (Nota da IHU On-Line)

82 Paulo de Tarso (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A IHU On-Line 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema Paulo de Tarso e a contemporaneidade, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, Paulo de Tarso: a sua relevância atual, disponível em <https://goo.gl/bKZcM0>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos Cadernos IHU Em Formação, Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos Cadernos Teologia Pública, São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da IHU On-Line)

83 Belinda Piltcher Haber Mandelbaum: professora do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, onde coordena o Laboratório de Estudos da Família (LEFAM). Dá aulas na graduação e na pós-graduação, abordando temas básicos do campo da Psicologia Social, estudos e intervenções com famílias e a Hermenêutica em Psicologia Social. (Nota da IHU On-Line)

84 Enrique Mandelbaum: Psicanalista em formação na SBPSP com pós-doutorado em Literatura Comparada na FFLCH-USP, autor de *Franz Kafka: um judaísmo na ponte do impossível* (Perspectiva, 2003). (Nota da IHU On-Line)

numa memória imemorial e “integralmente salvas na letra de sua escrita”⁸⁵.

Outros artigos do dossiê rodeiam a relação da linguagem com o indizível, como o de Alexandre Nodari, que aponta a impossibilidade da linguagem de apreender a coisa, fracasso que, contudo, é uma forma de sucesso de realização literária. Já o artigo de Flavia Trocoli⁸⁶ gira em torno da resposta de Macabéa a Olímpico em *A hora da estrela*: “É que só sei ser impossível, não sei mais nada. Que é que eu faço para ser possível?”, que marca o não lugar da mulher cujo ser é vazio, mas se dispõe a fazer, protagonizando a ação dramática.

Flavia Trocoli e Ricardo Pinto de Souza⁸⁷ são meus colegas do departamento de Ciência da Literatura da UFRJ e, junto com outros colegas, como João Camillo Penna, e alunos, têm organizado o evento Clariciana todo ano. No ano de 2020 fizeram uma das mais impressionantes comemorações virtuais do centenário de nascimento da autora, com participação de especialistas nacionais e internacionais, integralmente disponível no YouTube⁸⁸.

Na lista dos trabalhos que examinam a relação de Clarice com a mística, destaco dois amigos de meu grupo de pesquisa Apophatike: Estudos interdisciplinares em mística. Um é o artigo de Cicero Cunha Bezerra⁸⁹, Clarice Lispector e as fronteiras do Nada: ensaio sobre filosofia e literatura, publicado na revista da UFMG *O eixo e a roda*⁹⁰, em 2017, que traça as relações da filosofia neoplatônica com as especulações sobre o nada de Clarice, defendendo, junto de Viveiros de Castro e Evando Nascimento, o teor filosófico da obra da autora.

Cicero é um profundo conhecedor do neoplatonismo e tem um canal de conferências e debates sobre diferentes filósofos neoplatônicos com diversos especialistas brasileiros e estrangeiros que é simplesmente fantástico⁹¹: A área de filosofia antiga trata do assunto, porém, ela mesma tende a prestar pouca atenção na tradição neoplatônica. Poucos pesquisadores se dispõem a estu-

85 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=KMNvh2DXVUA&t=2959s>, ver 40:00 - 49:00 min. (Nota do entrevistado)

86 Flavia Trocoli Xavier da Silva: professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Possui graduação em Licenciatura em Letras pela Universidade Estadual de Campinas, mestrado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas, doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e Pós-Doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. (Nota da IHU On-Line)

87 Ricardo Pinto de Souza: possui graduação em Português Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mestrado e Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto de Teoria Literária na Faculdade de Letras da UFRJ, com pesquisa sobre estética, especialmente a recepção da Tragédia Grega. (Nota da IHU On-Line)

88 Disponível em aqui: https://www.youtube.com/playlist?list=PLh5_y48KlvG2jInbK_IE-6NYsNGBR-mrkn. (Nota do entrevistado)

89 Cicero Cunha Bezerra: possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba e Doutorado em Filosofia - Universidad de Salamanca. Professor Titular da Universidade Federal de Sergipe. (Nota da IHU On-Line)

90 Disponível em http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/11355 (Nota do entrevistado)

91 Disponível em <https://www.youtube.com/c/GtNeoplatonismoANPOF/videos>. (Nota do entrevistado)

dar Plotino⁹², menos ainda Porfírio⁹³, Jâmblico⁹⁴, Proclo⁹⁵, menos ainda pensar a relação entre o neoplatonismo e teologia cristã, neoplatonismo e hermetismo, neoplatonismo e gnosticismo. E a maior parte daquilo que chamamos de mística tem origem no neoplatonismo. Trata-se de uma outra história da filosofia que sai do roteiro costumeiro e abre uma possibilidade alternativa de leitura da metafísica, na qual nossos heróis da filosofia pós-metafísica em geral pouco prestaram atenção. Ao mesmo tempo, o trabalho acadêmico qualificado dessa linhagem pode desmistificar leituras rasas da “tradição perenialista”. Marcus Reis Pinheiro⁹⁶, outro amigo do grupo de pesquisa, também tem feito um exame acurado dessa tradição e seu canal no YouTube é bem visitado. O trabalho do GT da Anpof de Cicero é um verdadeiro oásis no deserto, para usar, aliás, uma imagem que deriva da ascese mística.

Já Maria Clara Bingemer⁹⁷ é uma teóloga de renome internacional e publicou o artigo *Iniciação e Paixão: a tensão dialética entre Eros e Agape em dois romances de Clarice Lispector*, em 2012, na revista *Teoliterária* da PUC-SP e PUC-PR⁹⁸, em que aborda a interação dinâmica entre Eros e Agape representada por um mergulho “kenótico” no coração da matéria para examinar relações pouco pensadas entre corpo e teologia e, por conseguinte, literatura e mística. Maria Clara, junto com Faustino Teixeira, é um nome fundamental para os estudos de mística no Brasil. Não

92 Plotino (205-270): filósofo egípcio, discípulo de Amônio Sacas e mestre de Porfírio, que nos legou seus ensinamentos em seis livros de nove capítulos cada, chamados de *As Enéadas*. Acompanhou uma expedição à Pérsia, onde tomou contato com a filosofia persa e indiana. Regressou à Alexandria e, aos 40 anos, estabeleceu-se em Roma. Desenvolveu as doutrinas aprendidas de Amônio numa escola de filosofia com seletos alunos. Pretendia fundar uma cidade chamada *Platonópolis*, baseada nos ensinamentos da República de Platão. Plotino dividia o universo em três hipóstases: o Uno, o Nous (ou mente) e a alma. (Nota da IHU On-Line)

93 Porfírio (c.232-c.304): filósofo neoplatônico e um dos mais importantes discípulos de Plotino, responsável por organizar e publicar 54 tratados do mestre na obra *As Enéadas*, composta por seis livros. Escreveu ainda uma biografia de Plotino (*A Vida de Plotino*) e comentários às obras de Platão e Aristóteles. Seu livro *Introductio in Praedicamenta* foi traduzido para o latim por Boécio e transformou-se num texto padrão nas escolas e universidades medievais, possibilitando desenvolvimentos na filosofia, teologia e lógica durante a Idade Média. (Nota da IHU On-Line)

94 Jâmblico (245-325): foi um filósofo neoplatônico assírio[1] que determinou a direção da filosofia neoplatônica tardia e talvez do próprio paganismo ocidental. É mais conhecido por seu compêndio sobre filosofia pitagórica. (Nota da IHU On-Line)

95 Proclo Licio Diadoco (410 d. C. – 487 d. C.): filósofo neoplatônico cujo mérito foi desenvolver a corrente de pensamento baseada em Platão, iniciada por Plotino e depois expandida por Porfírio e Jâmblico. Proclo combina os seus próprios pontos-de-vista com os de seus mestres - Plutarco, Siriano, Porfírio e Jâmblico. (Nota da IHU On-Line)

96 Marcus Reis Pinheiro: graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é chefe de departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde é professor adjunto II. (Nota da IHU On-Line)

97 Maria Clara Bingemer: teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, *A experiência de Deus num corpo de mulher* (São Paulo: Loyola, 2002); e *Deus amor: graça que habita em nós*. (São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003). Confirma entrevista concedida na edição 84 da IHU On-Line, de 17-11-2003, sobre a filósofa Simone Weil; na edição 103, de 31-05-2004, sobre o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI. Na edição 121, de 01-11-2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos *Cadernos Teologia Pública, Teologia e Espiritualidade*. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista. (Nota da IHU On-Line)

98 Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/22907> (Nota do entrevistado).

à toa os dois dão enorme valor à literatura moderna e produzem pesquisas sempre ligadas a ela.

Pensando nos que recriam uma conexão entre escrita literária e pensamento filosófico, além de Evando Nascimento, já citado, ressalto a obra de Alberto Pucheu e de Roberto Corrêa do Santos, este, um dos primeiros críticos claricianos que, com o tempo, tornou-se cada vez mais poeta.

IHU On-Line – Na crônica Um ato gratuito, de Clarice Lispector, há um trecho em que ela narra o seguinte: *“Uma tarde dessas, de céu puramente azul e pequenas nuvens branquíssimas, estava eu escrevendo à máquina — quando alguma coisa em mim aconteceu. Era o profundo cansaço da luta. E percebi que estava sedenta. Uma sede de liberdade me acordara. Eu estava simplesmente exausta de morar num apartamento. Estava exausta de tirar ideias de mim mesma. Estava exausta do barulho da máquina de escrever. Então a sede estranha e profunda me apareceu.”* **É possível entender tal descrição como de ordem mística? Por quê?**

Eduardo Losso – As narrativas de Clarice sempre se deparam com um “acontecimento” e ele é sim uma marca de secularização da mística. Trata-se de uma das características básicas da mística elencadas por William James, a transitoriedade súbita da experiência. Heidegger tem toda uma ontologia do Ereignis que geralmente serve para a crítica como tópico privilegiado e ela é também uma secularização filosófica de uma espécie de possessão divina, conceito que vem do Íon de Platão⁹⁹ para se referir tanto à inspiração poética quanto à vidência.

Nesse caso específico, podemos fazer uma leitura ecológica: em tempos de pandemia, em que somos obrigados a nos enclausurar em nossos apartamentos, o que não é nada natural para a nossa espécie, também somos assaltados por uma sede de liberdade. Podemos nos identificar com tal sensação, especialmente hoje. A diferença histórica não é menos interessante: hoje não sentimos mais o incômodo do barulho da máquina de escrever, porém convivemos com várias outras máquinas ruidosas utilizadas para nos importunar.

Falando em máquina de escrever, há dois artistas contemporâneos, claricianos, que quero mencionar. Um é o enorme poeta

99 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se A República (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e Fédon (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista As implicações éticas da cosmologia de Platão, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista IHU On-Line, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista IHU On-Line, de 25-05-2009, intitulada Platão. A totalidade em movimento, disponível em <http://bit.ly/2j0YCW8>. (Nota da IHU On-Line)

Armando Freitas Filho¹⁰⁰, que, em seu livro de poesia reunida, publicado em 2003, intitulado *Máquina de escrever* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003), colocou na epígrafe de toda a sua obra desde então, que é numerosa, uma passagem de *Água viva*: “O que sou neste instante? Sou uma máquina de escrever fazendo ecoar as teclas secas na úmida e escura madrugada”.

Armando reconheceu uma qualidade central da obra de nossa maior escritora, retomando o apontamento de Viveiros de Castro: ela é uma das grandes pensadoras da escrita no século XX e merece estar ao lado de Blanchot, Barthes¹⁰¹ e Derrida. Por isso mesmo, o outro artista clariciano que gostaria de mencionar é o cancionista Pedro Sá Moraes. Pedro tem uma faixa chamada “Hora da estrela”, do CD *Além do princípio do prazer*, de 2013, composta em conjunto com João Cavalcanti, que considero uma das melhores realizações da Nova MPB da década¹⁰².

A estrutura melódica e harmônica da canção segue o modelo de um tema curto de cinco notas (“uma menina”) que é desdobrado numa melodia longa de três partes de dez notas cuja segunda metade repete com variação o desenho do início. A extensão melódica, suportada por um baixo e harmonia ascendentes, mantém-se dentro de certa tradição do samba de Noel Rosa¹⁰³ ou Chico Buarque¹⁰⁴, mas com ritmo de maculelê. Contudo, o ambiente é todo eletrônico, composto por Ivo Senra¹⁰⁵, logo, tal base tradicional melódica e rítmica se retrai na atmosfera contemporânea.

No início, há um “ar” sonoro metropolitano que é alternadamente exposto e interrompido numa progressão acelerada até dar lugar à voz, que se duplica num eco radiofônico. O som eletrônico agudo de batidas marteladas que introduzem sutilmente o ritmo do maculelê pode ser interpretado como telégrafo ou máquina de escrever e essa ambiguidade já remete à relação da canção com o livro, e do livro com a máquina, cuja personagem, Macabéa, é datilógrafa e o narrador, escritor.

O som aéreo da cidade é fortemente contrastado com um ambiente oco que limpa o espaço sonoro e retira o código telegrá-

100 Armando Martins de Freitas Filho (1940): é um poeta brasileiro. Foi pesquisador na Fundação Casa de Rui Barbosa, secretário da Câmara de Artes no Conselho Federal de Cultura, assessor do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, pesquisador na Fundação Biblioteca Nacional, assessor no gabinete da presidência da Funarte, onde se aposentou. (Nota da IHU On-Line)

101 Roland Barthes (1915-1980): crítico literário, sociólogo e filósofo francês. Entre suas obras se destacam *Elementos de semiologia* (1965), *Sistema da moda* (1967), *O Império dos signos* (1970). (Nota da IHU On-Line)

102 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OebcDo5zQfY>. (Nota do entrevistado)

103 Noel de Medeiros Rosa – Noel Rosa (1910-1937): sambista, cantor, compositor, bandolinista, violonista brasileiro e um dos maiores e mais importantes artistas da música no Brasil. Teve contribuição fundamental na legitimação do samba de morro e no “asfalto”, ou seja, entre a classe média e o rádio, principal meio de comunicação em sua época - fato de grande importância, não só o samba, mas a história da música popular brasileira. (Nota da IHU On-Line)

104 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, *Chico Buarque de Hollanda*, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música *A banda*. Autoexilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de literatura: o de melhor romance em 1992, com *Estorvo*, e o de Livro do Ano com *Budapeste*, lançado em 2004, e *Leite Derramado*, em 2010. (Nota da IHU On-Line)

105 Ivo Senra: músico carioca. (Nota da IHU On-Line)

fico, pondo no lugar uma voz distorcida que aumenta o impacto do choque de ambientes. Isso ocorre justamente quando a letra aponta para a “vidraça” que espelha “a gente que passa”, isto é, há uma cumplicidade entre o esvaziamento das gravações ambientais e a transparência dura e hermética do vidro. O bumbo e a caixa batem de forma completamente assimétrica, o que cria uma sensação de tonteira no ouvinte. Só depois a batida se estabelece, acompanhada de outro timbre sintetizado de fragmentos telegráficos soltos, ao lado de diversos ruídos maquinais da cidade, eletroacústicos, que produzem um acompanhamento rítmico suplementar por cima da batida. Segue-se um longo interlúdio sem voz que se inicia com um jorro de sonoplastias metropolitanas, às quais se somam os fragmentos telegráficos que dialogam em contraponto com intervenções ruidosas soltas de uma guitarra arranhada, além de partículas sintetizadas e vidros quebrados. A voz distorcida retorna com uma nova depuração opaca, acompanhada de um estonteante jogo rítmico entre a bateria assimétrica e o baixo-guitarra constante.

Justamente quando a letra diz “minha imaginação dançarina”, surgem acordes densos de sintetizador, ataques de guitarra e um baixo repetido de dance music que introduz um clima psicodélico, e logo aparecem fiapos eletrônicos siderais em que o maculelê vira algo afrofuturista. A música termina com um ápice instrumental que retoma o contraponto da guitarra com os fragmentos acompanhando uma melodia final sintetizada.

Preferi me demorar na exuberância timbrística instrumental da música e não falar tanto da letra, mas posso dizer que nela se reconhecem os traços centrais da relação entre Rodrigo S. M. e Macabéa. A ritmização da máquina de escrever, a errância de Macabéa pela cidade, o pensamento dramático, perturbado e sofisticado de Rodrigo estão concentrados na densidade poética dos versos. Mais ainda, o acidente final habita a canção inteira nos vidros estilhaçados, ataques, choques, sustos diversamente elaborados. Eles figuram a dolorosa discrepância social entre o letrado e a mulher negra pobre, a riqueza simbólica e culpada de um e a pobreza bruta, rica de promessas sociais não cumpridas da outra, figurada no maculelê, que, não à toa, é um ritmo comum do funk carioca que surgiu depois do livro. A canção respira o acidente do início ao fim, ao mesmo tempo que seu futurismo dance, seu ar de “devaneio” (palavra da letra) aponta para a salvação artística do curto sonho de Macabéa ser outro tipo de pessoa.

IHU On-Line – Em que sentido o mistério da vida é a liberdade e como a liberdade (no sentido de mundos possíveis) tende a ser o fio condutor da literatura em sentido geral?

Eduardo Losso – Esta questão toca no cerne da relação entre a canção que citei e um traço de Clarice muito pouco explorado, que merece desenvolvimentos futuros. Vou citar somente os ver-

sos finais da letra de Pedro Sá Moraes¹⁰⁶: “Entidade que me contamina/ Clandestina/ Nordestina/ Devaneio...”. O primeiro verso citado iguala a relação de Rodrigo com Macabéa a uma relação espiritual, no sentido que uma religião afro-brasileira dá: Macabéa é uma “entidade”, mais do que a personagem fantasiosa de um escritor. Ela assombra o narrador, mais do que ser um capricho imaginativo dele.

Viveiros de Castro, por sua vez, faz uma interpretação ousada de G.H. Vale a pena mencionar na íntegra o seguinte parágrafo:

“Um momento crucial do romance é quando G.H. entra no quarto de empregada para limpá-lo e descobre que ele está todo arrumado, não há nada lá, só uma silhueta, ou melhor, três silhuetas desenhadas na parede, uma parede muito branca riscada em negro a carvão: um homem, uma mulher e um cachorro. Ela se percebe capturada pela imagem da mulher. A mim parece claro que aquelas imagens são, entre outras coisas, um feitiço. Acredito que G.H. foi enfeitada por essa empregada negra, que, se desapareceu em A paixão, digo cá comigo, reaparecerá em A hora da estrela como Macabéa – vai aparecer lá na frente, transfigurada em Macabéa.”

Para quem está treinado em não enxertar suposições pessoais no texto, o palpite arriscado de Viveiros de Castro pode parecer demasiadamente forçado. Eu, no entanto, acho que há uma estranha afinidade entre a canção de Pedro e tal hipótese. E se tudo o que se passou com G.H. não foi decorrência de uma macumba? Se foi, primeiro, não levou a uma “maldição”, não se tornou “vingativa”: suscitou uma revelação mística de alto impacto na vida de uma mulher de classe média. Segundo, não teve completo sucesso, afinal, a protagonista volta a sua vida normal. Porém, algo “aconteceu”. Elevadas experiências místicas podem vir de um certo tipo de assombração que os pobres produzem nos ricos, que os animais podem produzir em uma família de classe média (como pensa Camillo sobre o conto “Uma galinha”), a ponto de se comer uma barata, que, como diz Viveiros de Castro, está em ligação direta com a empregada? Empregada e Macabéa são “a mosca na sua sopa”?

Se o mistério da vida é a liberdade, como diz sua pergunta, a liberdade que a literatura indica não estará no intervalo tenso entre o encantamento do pobre e o desencantamento do rico? Afinal, a liberdade só pode ser para todos, não pode ser para poucos.

Uma pergunta me assola: o que especialistas em religiões afro-brasileiras teriam a dizer sobre esses dois livros de Clarice?

106 Pedro Sá Moraes: Cantor, compositor, violonista e ator do Rio de Janeiro, vencedor do Prêmio Profissionais da Música (2016) como Melhor Cantor. Formado em Psicologia pela PUC-Rio e Mestre em Literatura pela UFRJ, começou sua carreira musical como intérprete de samba. Membro da geração-Lapa, ao longo dos anos 2000 compartilhou palco e gravações com mestres do gênero, como Nelson Sargento, Wilson Moreira, Elton Medeiros e outros. (Nota da IHU On-Line)

O que Luiz Antonio Simas¹⁰⁷ e Luiz Rufino¹⁰⁸ pensariam sobre a hipótese de Viveiros de Castro?

Uma das questões mais radicais que a teoria da mística pode suscitar para o debate epistemológico atual é justamente como vamos reformular nosso olhar ético, estético e cosmológico diante de espiritualidades ameríndias e afro-brasileiras. Os antropólogos e os filósofos da ciência em torno da questão de Gaia têm pensado bastante a respeito. Eles são perspectivistas que relativizam a autoridade da ciência frente à sabedoria de povos originários. O que eles não têm pensado é o quanto a valorização de sabedorias não ocidentais está diretamente ligada ao esmagamento de diversos tipos de pretensão de sabedoria do Ocidente, como, por exemplo, os diversos esoterismos. Um deles, o espiritismo, foi muito longe no Brasil, inclusive.

Dentro do projeto de revalorizar saberes não ocidentais, que são tidos como místicos, valeria muito a pena repensar a batalha epistemológica entre a racionalidade ocidental e sua mística. Essa guerra deixou muitas sequelas, muitos despojos no meio do caminho. Eles estão inscritos em cada letra, em cada vírgula das obras literárias ocidentais e latino-americanas. Quem persiste em descartar a mística (ocidental ou não) do estudo das obras literárias continua contribuindo para o apagamento de saberes silenciados com o pretexto de embarreirar a maldição da ilusão, evitar o seu alastramento pelos campi, enquanto perde, justamente, a oportunidade de aliar esclarecimento e iluminação, Aufklärung, como queria Benjamin.

De qualquer forma, queira ou não, por bem ou por mal, o tsunami da religião vai invadir sua praia, aliás, é o que já se passa. E não constato isso com nenhum prazer, observo com dolorosa amargura. Como ateu eu também preferiria viver num país que tivesse mais consideração pelos não crentes. Porém, como professor de universidade no Brasil, país com maior número de católicos do mundo, cuja diminuição vem sendo substituída pelo fervor evangélico, não entendo quem acha que o melhor a fazer é continuar evitando pensar a relação entre religião e cultura em nome de um ideal europeu acadêmico de desencantamento cada vez mais questionado. Ao mesmo tempo, insisto em deixar claro que, embora a derrocada do paradigma do desencantamento esteja na ordem do dia, também não sou nenhum defensor do encan-

107 Luiz Antonio Simas (1967): é um escritor, professor e historiador, compositor brasileiro e baba-lão no culto de Ifá. Professor de História no ensino médio, é mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

108 Luiz Rufino: Pedagogo, escritor, Doutor em Educação pela UERJ, pós-doutorado em Relações étnico-raciais (Cefet/PPRER) é professor da UERJ-FEBF no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação. Desenvolve pesquisas sobre Crítica ao Colonialismo, Linguagens, Conhecimentos e Educações Populares. (Nota da IHU On-Line)

tamento. Há mais problemas entre o céu e a terra do que sonham militâncias epistemológicas.

IHU On-Line – É possível aprender a ler “misticamente”? Se sim, como? Se não, por quê?

Eduardo Losso – Os místicos dirão que sim. Xamãs como Davi Kopenawa, mães e pais de santos de terreiros e novas Clarices estão lendo o livro do mundo a todo momento, do seu jeito. Não é o meu caso. Meu deleite é o de ler a leitura deles: sua literatura.

Leia mais

- **Atar-se ao mastro para ouvir o canto místico da sereia rosiana.** Entrevista Especial com Eduardo Guerreiro B. Losso, publicada na revista IHU On-Line nº 538, de 5-8-2019, disponível em <https://bit.ly/3cBjKqi>

- **A necessidade de reconhecer o mal no humano para enfrentá-lo.** Entrevista Especial com Eduardo Guerreiro B. Losso, publicada na revista IHU On-Line, nº 534, de 15-4-2019, disponível em <http://bit.ly/2Nfe2jh>



Imagem Wikimedia Commons



O impensável na literatura de Clarice Lispector

Para Evando Nascimento, as obras de Clarice Lispector trazem à baila temas sobre os quais a tradição europeia acabou negligenciando um debate mais profundo, tais como a relação entre o humano e o não humano

Pensar o impensado é tarefa que a literatura realizou sempre com mais liberdade e isso aparece com força na obra de Clarice Lispector. “Diria que literatura ou escrita pensante é aquela que permite pensar o impensado ou o impensável da chamada cultura ocidental. Há diversos aspectos que a tradição de origem europeia, sobretudo a filosofia, tratou pouco, tratou mal ou simplesmente ignorou, e que se encontram tematizados pela ficção de Clarice. Um desses temas seria, por exemplo, a relação entre o humano e o não humano”, pondera o professor, pesquisador e escritor Evando Nascimento, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“É a desestabilização do conceito humanista e antropocêntrico que leva a escrita segundo Clarice aos limites da tradição ocidental, já que outras culturas, como as ameríndias e as africanas, se conectam de modo especial e solidário com aquilo e aqueles que não somos, as alteridades vicinais”, complementa o entrevistado. Tal característica coloca Clarice no centro das grandes questões éticas e políticas de nosso tempo, que é a revalorização de todos os viventes. “Ao trazer à baila universos pouco ou maltratados, como são as formas de vida dos animais, das plantas e das coisas, a literatura de Clarice sem dúvida dá sua contribuição a esse processo descolonizador geral. Mas cabe analisar cada história, cada fragmento, cada anotação ou crônica da autora”, pondera.



Evando Nascimento é escritor, ensaísta, artista visual e professor universitário na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. É graduado em Letras pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e em Licenciatura em Literatura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, realizou mestrado em Literatura Brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. É autor de vários livros de ficção finalistas em prêmios internacionais, dos quais destacamos *A desordem das inscrições* (Contracantos – 7Letras, 2019), *Cantos profanos* (Rio de Janeiro: Globo/Biblioteca Azul, 2014), *Cantos do mundo* (Record, 2011) e *Retrato desnatural: diários 2004 – 2007* (São Paulo: Record, 2008).



Confira a entrevista.

IHU On-Line – Quem é Clarice Lispector? O que define sua literatura?

Evando Nascimento – Essas duas perguntas são demasiado abrangentes, e é impossível dar uma resposta pontual. Quanto à identidade civil de Clarice Lispector, remeto às três biografias existentes: a de Nádia Gotlib (Clarice: uma vida que se conta [São Paulo: Edusp, 2013]), a de Teresa Monteiro (Eu sou uma pergunta[Rio de Janeiro: Rocco, 1999]) e a de Benjamin Moser (Clarice[-São Paulo: Companhia das Letras, 2017]), com destaque para as duas primeiras.

Do mesmo modo, não há como definir em poucas palavras uma literatura tão complexa. Tudo o que posso dizer é o que significam para mim a autora e sua obra. Comecei a ler Clarice assim que entrei para a Universidade, em 1979. Minha primeira leitura foi *A Legião estrangeira* (Rio de Janeiro: Rocco, 1999), num curso de graduação com Evelina Hoisel. Foi alumbramento imediato. Entre tantas preciosidades, me fascinaram “Os desastres de Sofia”, “A legião estrangeira”, “A quinta história” e “O grande passeio”. As duas primeiras trazem a vivência do universo feminino infantil em contraste com o universo adulto masculino e feminino, e os inevitáveis choques que daí surgem. Já “A Quinta história” reescreve as *Mil e uma noites* por meio do gesto banal de matar baratas – no entanto, em Clarice, o mais banal cotidiano se torna uma experiência de encontro com a alteridade, no caso, a relação entre o humano e o inseto, o qual configura um certo “retorno do recalçado”. “O grande passeio” aborda a solidão e o abandono na velhice. Nessas e noutras histórias, as mulheres são protagonistas e/ou narradoras, porém sem jamais cair em clichês de feminilidade, ao contrário, reinventando o lugar delas no mundo.

IHU On-Line – O que é a “literatura pensante” de Clarice Lispector e como ela nos convida, com o perdão da redundância, a pensar nosso pensamento?

Evando Nascimento – “Literatura pensante” foi uma categoria que inventei por volta de 1992, quando estudava em Paris com Jacques Derrida¹ e preparava minha tese de doutorado. No livro que se originou da tese, *Derrida e a literatura* (São Paulo: ed. Ê Realizações, 1999), já explico em grande parte o sentido da expressão, que retomarei noutros ensaios. Em 2012, lancei o livro a que sua pergunta faz alusão, *Clarice Lispector: uma literatura*

1 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras), *O animal que logo sou* (São Paulo: Unesp), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes). É dedicada a Derrida a editoria *Memória*, da IHU On-Line nº 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>. (Nota da IHU On-Line)



pensante (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012). A partir dessas referências, e de maneira bem resumida, diria que literatura ou escrita pensante é aquela que permite pensar o impensado ou o impensável da chamada cultura ocidental. Há diversos aspectos que a tradição de origem europeia, sobretudo a filosofia, tratou pouco, tratou mal ou simplesmente ignorou, e que se encontram tematizados pela ficção de Clarice. Um desses temas seria, por exemplo, a relação entre o humano e o não humano, em particular os animais e as plantas. Textos como *Água viva* (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), *A paixão segundo G.H.* (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), *O ovo e a galinha*, *Cem anos de perdão*, entre inúmeros outros, abrem novas perspectivas sobre essas nossas alteridades vicinais. No livro, dou mais ênfase aos animais, mas já trato também das plantas. Recentemente, escrevi alguns ensaios sobre “Clarice e as plantas”², o primeiro deles foi publicado na revista lusa *Caliban*, que se encontra on-line – os outros estão no prelo.

IHU On-Line – Na obra clariciana, os mundos surgem da fagulha do contato do Eu com o Outro. Como a alteridade é, em certo sentido, demiúrgica em sua obra?

Evando Nascimento – A palavra demiurgo remete etimologicamente para “do povo”, “público” e “aquele que produz”, “produtor” (demio e ourgos). Em grego, o *dēmiourgós* significava o artesão, o médico, o “artista”. O demiurgo era um fazedor. No sentido moderno, a palavra se refere ao criador, aquele que dá forma à matéria. Na ideologia romântica, todo artista, todo escritor, é um demiurgo, um pequeno Deus. Há diversas referências a Deus em Clarice, mas não se pode dizer que seja o Deus cristão ou o dos judeus. É antes um personagem a que o texto se refere como uma instância que transcende o comum. Em *Um sopro de vida* (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), desde o título, há a ideia de que o Autor é um demiurgo que se relaciona com Ângela Pralini, sua personagem. Todo o livro se organiza em torno dessa relação tensa entre o Eu-escritor e a Outra, o personagem-criador e a personagem-criatura, a qual também escreve. Ângela de algum modo vai muito além do universo masculino de seu criador – ela inclusive se relaciona com outros não humanos a que ainda não me referi: os objetos e as coisas em geral, dando-lhes plena existência, mais além da serventia como instrumentos ou utensílios para nós. E já que esta é uma entrevista por escrito, transcrevo um trecho do livro de Ângela: “E então eu respiro. E então eu tenho a liberdade de escrever sobre as coisas do mundo. Porque é óbvio que a coisa está urgentemente pedindo clemência por exagerarmos o seu uso. Mas se estamos numa época de mecanicismo, damos também o nosso grito espiritual”. Em seguida, a personagem-escritora assume a autobiografia de Clarice Lispector e refere outros textos, como *A cidade sitiada*, em que o tema dos objetos aparece. As coisas e

² Disponível em: <https://revistacaliban.net/clarice-e-as-plantas-uma-literatura-pensante-22f3c3111f38> (último acesso em 06/02/21). (Nota do entrevistado)



os objetos constituem em relação a nós uma alteridade radical. E isso se faz segundo o que chamo de bioficção ou bioescrita, ou seja, a escrita de uma vida ficcionalizada.

IHU On-Line – De que maneira o feminino aparece em seus escritos e como isso nos ajuda a pensar questões de gênero?

Evando Nascimento – Já há uma tradição de leituras de Clarice relacionando sua obra ao feminino. Os trabalhos da escritora e teórica francesa Hélène Cixous³, por exemplo, são uma referência. Chamo a atenção, no entanto, para o fato de não haver uma essência do feminino na ficção clariciana. Há situações que as narradoras e as personagens vivenciam e caracterizam o que se chamava até o início dos anos 2000 de “condição feminina”. Pois um dos efeitos poderosos de um livro como *Água viva* é o de romper com os clichês dessa condição: a narradora é uma artista-escritora que se entrega a uma experiência sensorial múltipla, a qual vai muito além do universo da dona de casa. Em contos como “Amor”, “Laços de família”, “A imitação da rosa”, entre outros, há um questionamento intensivo do aprisionamento das mulheres ao simples papel de esposa submissa.

Sou também fascinado por Joana, protagonista do primeiro livro de Clarice, *Perto do coração selvagem* (Rio de Janeiro: Rocco, 2019). É uma jovem rebelde, que eu não hesitaria em chamar de “profeminista”. Não que o texto seja fruto de militância feminista, mas porque a personagem põe em questão as relações de gênero tradicionais. É o que chamo de “sensitiva”, aquela plantinha que se retrai como um animal quando tocada. Joana combina em si um duplo componente intelectual-questionador e sensível. O romance é uma das ficções mais sensoriais de nossa literatura e da literatura universal, mas também uma das mais reflexivas. Não por acaso, o livro sacudiu o arraial masculinista da crítica literária, quando foi lançado nos anos 1940. Todos os críticos de renome comentaram essa esplendorosa estreia, mas nem todos compreenderam...

Por essas e diversas outras razões, a ficção clariciana é muito libertadora, rompendo com dogmas ancestrais.

IHU On-Line – Como o humano é constituído por Clarice Lispector em sua literatura? Até que ponto sua obra propõe um olhar não antropocêntrico?

Evando Nascimento – Em praticamente toda a obra ficcional de Clarice, a categoria metafísica do Homem como gênero

³ Hélène Cixous (1937): é uma ensaísta, dramaturga, poetisa e crítica literária francesa. É também professora da European Graduate School.[3] Recebeu diversos títulos honorários de universidades canadenses, irlandesas, britânicas e americanas. Mantém um seminário no Collège international de philosophie desde 1983. (Nota da IHU On-Line)



(masculino) e como espécie está em questão. Por razões do que o pensador franco-argelino Derrida chamou de falocentrismo ou falogocentrismo, a categoria Mulher em nossa cultura jamais poderia ser sinônimo de humanidade. Em diversas histórias de *Laços de família*, que é um livro de contos escrito nos anos 1950, publicado em 60, o lugar tradicional da mulher é posto em questão, tal como referi na resposta anterior. Isso libera o feminino para uma potência de reflexão que a meu ver atinge momentos de alta voltagem em *Água viva*, texto narrado e descrito por uma voz feminina, que estabelece um diálogo com possíveis leitores e leitoras mas também com um “tu” ausente. O fascinante nessa quase-novela é pôr em cena a vida das plantas (especialmente as flores) e dos animais, bem como a dos objetos.

Em Clarice, o humano só pode ser verdadeiramente pensado em sua perspectiva com o não humano. Exemplo disso é o personagem Martim, de *A maçã no escuro*, que, após uma travessia no “deserto”, se desconstrói como forma-Homem, vindo a ter um encontro-limite com as vacas no curral. Há uma animalidade do humano, e algo de humano no animal que aflora também nas histórias de *Onde estivestes de noite*. É a desestabilização do conceito humanista e antropocêntrico que leva a escrita segundo Clarice aos limites da tradição ocidental, já que outras culturas, como as ameríndias e as africanas, se conectam de modo especial e solidário com aquilo e aqueles que não somos, as alteridades vicinais.

Clarice redimensiona o humanismo sem incidir num anti-humanismo, nem propriamente no que se convencionou chamar, na passagem do século, de “pós-humano”. Vejo-a mais do lado do que nomeio como outro humanismo, que será o humanismo do outro e da outra, o qual já está vindo, e é reivindicado por grupos marginalizados em relação à cultura falocêntrica: as próprias mulheres, os afrodescendentes, os indígenas, os participantes dos grupos LGBTQIA+, os pobres em geral. Isso corresponde à “solidariedade dos viventes”, expressão utilizada por Derrida numa entrevista a mim concedida em 2001 para *Folha de S. Paulo*⁴. Desenvolvo esta e outras ideias num livro que ora concluo intitulado *O pensamento vegetal: por um outro humanismo*, no qual há um longo capítulo sobre “Clarice e as plantas”, temática que referi anteriormente. Isso é o que, para mim, está em jogo doravante nessa segunda década do século XXI, em termos ético-políticos: uma revalorização de todos os viventes, pois todas as vidas importam e merecem ter seu valor reconhecido.

4 Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2705200111.htm> (último acesso em 06/02/21). (Nota do entrevistado)



IHU On-Line – De que forma os animais são tratados na literatura de Clarice e o que isso traz de novidade em relação a como pensamos nossas formas de vida?

Evando Nascimento – Também é impossível sintetizar a resposta numa única formulação. Darei um exemplo, mas haveria muitos outros. “Tentação” é uma bela e curta narrativa de A legião estrangeira, que começa descrevendo uma menina ruiva “numa terra de morenos”, na rua, defronte ao ponto do bonde, sob sol escaldante e com soluço. Toda a atmosfera sugere intenso calor e desconforto, além de certa solidão da garotinha. Súbito aparece “a sua outra metade neste mundo, um irmão em Grajaú”, que é um bairro da Zona Norte do Rio, portanto não turístico. Quem dobra a esquina e subitamente se dá a ver é um basset, cão ruivo como a menina, acompanhado por sua dona, uma adulta. Há então um encontro de duas alteridades irmanadas: a garotinha e o cão. Inclusive a voz narrativa não hesita em igualá-los em sua “animabilidade” comum: “Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos”. É um verdadeiro acontecimento, marcado por forte empatia ou até mesmo amor, no sentido clariciano. Como explico em diversos ensaios, o encontro com a alteridade possibilita uma intertroca de papéis. O verbo intertrocar comparece em A hora da estrela (Rio de Janeiro: Rocco, 2020), quando o narrador Rodrigo S.M. diz: “Vejo a nordestina se olhando ao espelho e – um ruflar de tambor – no espelho aparece meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos”. A intertroca é uma experiência forte de amor para com a alteridade: sem haver uma metamorfose, ocupa-se provisoriamente o lugar do outro ou da outra, tem-se a experiência de se tornar outro/outra, e com isso ocorre uma alteração do próprio eu individual. Não por acaso o conto se chama “Tentação”, pois narra o processo de mútua sedução entre humano e animal, numa identificação amorosa que será interrompida por causa da “infância impossível” dela e da “natureza aprisionada” dele. Os dois se separam, mas a marca da intertroca humano-animal ficou, é indelével, como o verdadeiro amor.

IHU On-Line – Como todos esses atravessamentos, pelos quais se inscreve a literatura de Clarice Lispector, produz tensionamentos às formas coloniais de saber e abre novos horizontes?

Evando Nascimento – Há que se ter algum cuidado com a terminologia do decolonial ou, como prefiro, do descolonial, pois não vejo por que importar sem nenhuma adaptação uma terminologia de origem anglo-saxã, mas cuja etimologia é na verdade latina. Sem dúvida, grande parte da História global, e não somente no chamado Ocidente, se fez por meio de colonialismos. Há que se compreender a relação íntima entre cultura e colonização. Toda cultura é colonizadora, mesmo a mais pacífica, porque se estabelece num local para se desenvolver, e isso implica a exclusão de ou-



tras possibilidades culturais. O que na segunda metade do século XX se tornou objeto de grande questionamento foi a hegemonia das culturas de origem europeia, sobretudo da Europa ocidental, e dos Estados Unidos sobre o resto do mundo. Sendo assim, uma certa imago da masculinidade branca, falante de línguas europeias, se tornou alvo de toda espécie de críticas e desconstruções. Ao trazer à baila universos pouco ou maltratados, como são as formas de vida dos animais, das plantas e das coisas, a literatura de Clarice sem dúvida dá sua contribuição a esse processo descolonizador geral. Mas cabe analisar cada história, cada fragmento, cada anotação ou crônica da autora. É muito ruim vincular uma produção extremamente complexa a uma única significação, seja ela tão decisiva quanto a dos novos “anticolonialismos”. Os horizontes só se abrem quando se leem atentamente as histórias e a História, levando em conta os detalhes textuais e contextuais.

IHU On-Line – Como a literatura de Clarice expressa o bem e o mal? Parece-lhe que, em certo sentido, ela privilegia o debate sobre o mal em sua obra?

Evando Nascimento – Sumariamente, eu diria que, como leitora de Nietzsche que ela também foi (uma das epígrafes de Um sopro de vida é dele), sua obra se situa mais além do bem e do mal. Isso está muito claro já em Joana, a qual comete uma série de transgressões que a qualificariam como maligna, tal como a tia a vê. E no entanto, para mim, como leitor, ela é uma personagem de grande liberdade. O mesmo acontece com Martim, que aparentemente teria praticado um crime, mas nem por isso se qualifica como “bandido”. São “malignidades” encenadas, justamente para pôr em dúvida nossos valores morais. É nesse contexto que uma outra ética aflora, a ética do radicalmente Outro. Remeto para A paixão segundo G.H., mas também para esse livro crucial e pouco compreendido que é A via crucis do corpo.

IHU On-Line – Clarice Lispector é uma escritora que desperta paixões antagônicas. Há quem veja em sua literatura um classicismo. Até que ponto críticas como esta são pertinentes?

Evando Nascimento – Não sei a que críticas exatamente você se refere, então não posso comentá-las de forma direta. Classicismo é um termo demasiado amplo...somente posso comentar que, ao longo da obra, há oscilações entre linguagens mais experimentais e linguagens menos experimentais, sem nunca cair em banalidades inócuas. É o que eu chamaria de “os estilos de Clarice Lispector”, que são vários, e por isso mesmo a oposição clássico/não clássico pouco resolve. Um texto como o citado “Tentação” parece muito “clássico” na forma, mas o modo de enunciação e a ex-



periência relatada são completamente inusitados, “estranhos” até, no sentido do Unheimliche freudiano. Já “O ovo e a galinha”, A paixão segundo G.H. e Água viva são experimentos radicais de linguagem, que geram grande desconforto em muitos leitores. Aliás, para os que não admiram propriamente a obra clariciana, existe um verdadeiro clichê: em geral, essas pessoas apreciam muito os contos, que consideram primorosos, mas desqualificam os romances... Para mim, elas pouco compreenderam da proposta ficcional e existencial da autora e fazem uma leitura rasa.

IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

Evando Nascimento – Considero que agora neste século a obra de Clarice está sendo de fato descoberta, ao deixar de ser cultuada apenas por especialistas e admiradores. As novas traduções para o inglês e para o espanhol, bem como para o francês e diversas outras línguas, têm dado a visibilidade internacional que lhe faltava. Eu mesmo tive dois ensaios publicados em edições argentinas de A legião estrangeira e de Água viva, pela Corregidor. Faz quatro anos, participei de uma banca de doutorado na Université de Paris VIII, escrita por uma italiana. No ano do Centenário, fiz diversas intervenções e pude testemunhar uma multiplicidade de eventos, que vão se desdobrar em publicações, aqui e lá fora. Só este ano, sairão ensaios meus numa coletânea organizada por Yudith Rosenbaum, da USP, outra por Júlio Diniz da PUC-Rio, além do catálogo de uma exposição no Instituto Moreira Salles de São Paulo, por Eucanaã Ferraz⁵ e Verônica Stigger⁶. Isso dá grande alento porque as celebrações não ficarão limitadas à efeméride do ano passado. A tendência é haver cada vez mais desdobramentos. Essa obra tem muito porvir!

Para concluir, uma observação pessoal: minha relação com Clarice é de grande liberdade. Não me considero seu seguidor, menos ainda um epígono. Falo agora como escritor: nenhum de meus críticos leitores sinalizou qualquer subserviência em relação à ficção clariciana. Ocorre o que chamo de confluência em vez de

5 Eucanaã Ferraz (1961): poeta brasileiro. Publicou, entre outros, os livros de poemas Desassombro (7 Letras, 2002 - Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, melhor livro de poesia de 2002), Rua do mundo (Companhia das Letras, 2004), Cinemateca (Companhia das Letras, 2008), Sentimental (Companhia das Letras, 2012 - Prêmio Portugal Telecom 2013) e Escuta (Companhia das Letras, 2015): para o público infanto-juvenil, Poemas da Iara (Língua Geral, 2008). (Nota da IHU On-Line)

6 Verônica Stigger: é escritora, crítica de arte e professora universitária. Possui doutorado em Teoria e Crítica de Arte pela Universidade de São Paulo - USP e realizou pesquisas de pós-doutorado na Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, no Museu de Arte Contemporânea da USP e no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. É coordenadora do curso de Criação Literária da Academia Internacional de Cinema e professora dos cursos de pós-graduação em História da Arte e Fotografia da FAAP, em São Paulo. Como curadora, foi responsável pelas exposições Maria Martins: metamorfoses e O útero do mundo, ambas no MAM-SP (2013 e 2016), e, com Eduardo Sterzi, Variações do corpo selvagem: Eduardo Viveiros de Castro, fotógrafo, no SESC Ipiranga (2015). É autora de dez livros de ficção, entre eles Os anões (Cosac Naify, 2010), Delírio de Damasco (Cultura e Barbárie, 2012), Opisanie świata (Cosac Naify, 2013) e os infantis Dora e o sol (Editora 34, 2010) e Onde a onça bebe água (Cosac Naify, 2015, em coautoria com Eduardo Viveiros de Castro). Com Opisanie świata, seu primeiro romance, recebeu os prêmios Machado de Assis, São Paulo (autor estreado) e Açorianos (narrativa longa). Seu último livro é Sombrio Ermo Turvo (Todavia, 2018). Concedeu a entrevista O homem nu nos redimirá, na edição 543 da Revista IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/39aCR8C>. (Nota da IHU On-Line)



“influência”. As “águas” claricianas confluem para o que faço, me alimento delas, mas elas também necessitam de meu “curso” para continuarem existindo. Se não houver leitores, nenhuma obra se sustenta, por isso mesmo não há subserviência – ambos ganham, no caso, autora-inventora e autor-leitor. As questões do humano e do não humano, que leio em Clarice, se encontram também noutros autores que me são caros, como Borges⁷, Rilke⁸, Guimarães Rosa⁹, Drummond¹⁰ e Kafka¹¹. Assim, são muitos “rios” confluentes, todos de grande importância para o escritor que sou, Clarice sem dúvida está entre os mais “caudalosos”. É o que nomeio também como “estética da emulação”. Emular, em sentido contemporâneo, não é imitar nem copiar, é transformar o legado da outra e do outro, dando-lhes novas configurações. Nas ficções ou nos ensaios interpretativos, é isso que procuro fazer, sempre.

7 Jorge Luiz Borges (1899-1986): escritor, poeta e ensaísta argentino, mundialmente conhecido por seus contos. Sua obra se destaca por abordar temáticas como filosofia (e seus desdobramentos matemáticos), metafísica, mitologia e teologia. Sobre Borges, confira a edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, intitulada Jorge Luiz Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon193>. (Nota da IHU On-Line)

8 Rainer Maria Rilke por vezes também Rainer Maria von Rilke (1875—1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados Vida e canções (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da IHU On-Line)

9 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se Sagarana (1946), Corpo de baile (1956), Grande sertão: veredas (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, Primeiras estórias (1962) e Tutameia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <http://bit.ly/mBZOce>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada Grande Sertão: Veredas. Travessias, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

10 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da IHU On-Line)

11 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como A metamorfose, O processo e O castelo, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo “kafkiano” popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)



O espelho antinarcísico de Clarice Lispector

Yudith Rosenbaum faz uma leitura crítica a partir da psicanálise da literatura clariciana e mostra como seus textos nos convidam a pensar em nós mesmos como outros

Ricardo Machado

Ver-se sem se reconhecer. Este é, no fundo, o convite íntimo da literatura de Clarice Lispector que nos desafia a ver no mundo suas (e nossas) cicatrizes profundas. “Clarice é para mim uma pessoa indignada, revoltada, perplexa, irada e espantada com o mundo a sua volta. Tendo as palavras como arma, ela investe contra as injustiças, as desigualdades e os preconceitos, desmontando falsas acomodações que nos afastam da vida plena”, descreve a professora e pesquisadora Yudith Rosenbaum, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

“Clarice nos coloca diante do fato de que somos seres desamparados, frágeis, carentes. Clarice olha o humano em toda a sua multiplicidade, incluindo nela o que nem é propriamente humano, uma dimensão animal e inumana”, explica a entrevistada. “Na obra de Clarice, o outro pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa material, um alimento. Como ‘outro’, cada ser se mostra como diferença em relação ao eu, mas também como um espelho, um duplo que traz identificações muitas vezes ameaçadoras”, complementa.



Yudith Rosenbaum é graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, mestra e doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo - USP, onde leciona na área de literatura brasileira. Trabalhou como psicóloga educacional durante quinze anos e atendeu por dez anos em clínica psicanalítica. Atua na interface da Literatura com a Psicanálise, especializando-se em autores do século XX, como Manuel Bandeira, Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

IHU On-Line – Quem é, para você, Clarice Lispector?

Yudith Rosenbaum – Vejo Clarice Lispector como uma personalidade literária intensa, tomada por questionamentos que não lhe dão trégua e aos quais busca um escoadouro pela escrita. O amigo e psicanalista Hélio Pellegrino¹ a caracterizou, certa vez, como uma “personalidade lisérgica”, cuja sensibilidade era mobilizada de forma máxima pelos estímulos da vida. Sinto-a como uma estrangeira na terra, não por ser ucraniana, já que chegou muito pequena ao Brasil e se considerava brasileira, mas por olhar o mundo como se o visse pela primeira vez. Como Manuel Bandeira², como Guimarães Rosa³. Este é o olhar poético por excelência, que surpreende o novo e desconhecido em meio ao prosaico cotidiano, revelando o inusitado nas coisas mais banais. Todo artista, de certa forma, trabalha uma língua estrangeira dentro da língua na qual escreve, como diz Deleuze⁴. Clarice torna as palavras úni-

1 Hélio Pellegrino (1924-1988): psicanalista, escritor e poeta brasileiro, célebre por sua militância de esquerda e por sua amizade com os também escritores Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Otto Lara Resende e Nelson Rodrigues. Foi o segundo marido da escritora Lya Luft. (Nota da IHU On-Line)

2 Manuel Bandeira (1886-1968): poeta, crítico literário e de arte, professor de literatura e tradutor brasileiro. Considera-se que Bandeira faça parte da geração de 22 da literatura moderna brasileira, sendo seu poema Os sapos o abre-alas da Semana de Arte Moderna de 1922. Juntamente com escritores como João Cabral de Melo Neto, Paulo Freire, Gilberto Freyre, Nelson Rodrigues, Carlos Pena Filho e Osman Lins, entre outros, representa a produção literária do estado de Pernambuco. (Nota da IHU On-Line)

3 João Guimarães Rosa (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se Sagarana (1946), Corpo de baile (1956), Grande sertão: veredas (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, Primeiras estórias (1962) e Tutameia (1967). A edição 178 da IHU On-Line, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da IHU On-Line, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <http://bit.ly/mBZOCe>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. A IHU On-Line número 538, intitulada Grande Sertão: Veredas, também tratou da produção do autor. Acesse em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/538>. (Nota da IHU On-Line)

4 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)



cas, fora do seu uso utilitário comum e por isso sua prosa é poética. Além disso tudo, Clarice é para mim uma pessoa indignada, revoltada, perplexa, irada e espantada com o mundo a sua volta. Tendo as palavras como arma, ela investe contra as injustiças, as desigualdades e os preconceitos, desmontando falsas acomodações que nos afastam da vida plena.

IHU On-Line – Como se imbricam literatura e psicanálise na obra de Clarice Lispector?

Yudith Rosenbaum – Há muitas ressonâncias da psicanálise na literatura de Clarice. Sempre lembro do ensaio de Freud⁵, *O mal-estar na cultura* (1930), em que se mostra como o sujeito humano é constrangido pelas leis e limites do princípio da realidade, pelos processos de castração e de recalque, o que o leva a se constituir, na melhor das hipóteses, como um sujeito da neurose em sua forma adaptativa. Resta desse impasse entre descarga pulsional e realidade impositiva, o tal mal-estar de uma subjetividade que sofre pelo prazer que não pode obter em sua plenitude. Somos seres da renúncia para que se faça a passagem da barbárie à civilização. As personagens claricianas lidam com a necessidade de formatações sociais e morais, necessárias para a sociabilidade, para o reconhecimento de lugares esperados pelas instituições do matrimônio e da família, por exemplo. O jogo entre o material recalçado e silenciado, de um lado, e o desejo de libertação dos entraves culturais e subjetivos, de outro, é uma linha de força poderosa na obra. Outro traço da interface da psicanálise com a literatura nos textos de Clarice seria, no viés lacaniano⁶, a potência do Real indizível como um assombro que atravessa o percurso das personagens em sua vida tomada pelo Imaginário e suas ilusões compensatórias. Desconstruir as imagens egoicas limitadas e parciais (mas tomadas como a

5 Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da IHU On-Line, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

6 Jacques Lacan (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista IHU On-Line, de 4-8-2008, intitulada A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira as seguintes edições da revista IHU On-Line, produzidas tendo em vista o Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-6-2009, intitulada Desejo e violência, disponível em <https://bit.ly/2HMLQAW>, e edição 303, de 10-8-2009, intitulada A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?, disponível em <https://bit.ly/2KApKzk>. (Nota da IHU On-Line)



Verdade total) ocupa enorme espaço na literatura de Clarice. Vide G.H., por exemplo, ou Ana do conto “Amor”.

IHU On-Line – Em que medida a obra de Clarice pode ser um caminho para incursão em nosso mundo interior? E como pode inspirar o processo de autoconhecimento?

Yudith Rosenbaum – Em continuidade com a resposta anterior, entendo que a trajetória das personagens – que se deparam com instantes em que a vida inteira é colocada em xeque, ou com situações em que as habituações são desmontadas por pequenos relances, causando transformações intensas – leva os leitores a se reverem e questionarem suas formas de vida, repensarem seu processo de subjetivação, de escolhas, de recusas e de submissões. Perder as ilusões (pois Clarice é implacável com nossas racionalizações!) e olhar a vida de um modo desarmado é muito inspirador e pode levar ao autoconhecimento. Isso porque a autora nos desnuda, faz com que olhemos o que nem sempre queremos reconhecer que faz parte de nós mesmos. Clarice põe em cena nossa sombra (diriam os junguianos⁷), feita de tudo que rejeitamos nos outros.

Há enredos que revelam nossa agressividade, crueldade e perversidade (como “A menor mulher do mundo”), outros, a força da inveja (Felicidade clandestina e A legião estrangeira), outros ainda que tratam a surda destrutividade no casamento a partir de um pacto de superficialidade e de obediência (“Os obedientes”). Não é fácil ler Clarice. O espelho que ela nos dá nem sempre é o de Narciso e na maior parte das vezes é deformante. Mas também há muita positividade na obra, uma aposta na vida “apesar de”. Clarice nos empurra para o âmago do mundo, quer nos despertar de um sono anestesiado que nos impede de ver as coisas em sua nudez e crueza. E mesmo que não seja possível perder a “alma diária” e ouvir a música inaudível do mundo por muito tempo, qualquer instante de revelação vale uma vida.

IHU On-Line – De que forma a dimensão humana emerge na literatura clariciana?

Yudith Rosenbaum – A dimensão humana é um termo vasto e pode incluir muita coisa... Pelo que percebo da obra, Clarice nos coloca diante do fato de que somos seres desamparados, frágeis, carentes. E por esta razão (com a qual a psicanálise corrobora inteiramente), temos que lidar com o trágico da existência, sem garantias e sem certezas. O homem psicanalítico é o homem trágico, que perdeu os ideais que o conduziam no coletivo e precisa arcar com a sua condição humana solitária. Creio ser desta ordem

⁷ Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)



a dimensão humana clariciana, ou seja, ela pertence à linhagem dos autores que revelam o homem cindido, conflituado e não coerente consigo mesmo (como seria o sujeito cartesiano, centrado na razão). Assim também são Machado de Assis⁸, Mário de Andrade⁹, Guimarães Rosa. Ou Kafka¹⁰, Pirandello¹¹ e Virginia Woolf¹². Mas Machado e Kafka são mais céticos, acho eu. Clarice olha o humano em toda a sua multiplicidade, incluindo nela o que nem é propriamente humano, uma dimensão animal e inumana...

Clarice quer chegar nesse núcleo indevassável da matéria, onde tudo começa e termina, para depois recomeçar. A dimensão existencial em Clarice abarca todas as manifestações do ser – bicho, gente, planta, coisas... Ela olha o mundo e percebe como tudo está inter-relacionado, interdependente. A filosofia merleau-pontyana¹³ poderia ajudar a elucidar essa forma de entender que todos somos da mesma matéria do mundo e, portanto, podemos sentir o outro como parte de nós mesmos ao invés de nos afastar

8 Machado de Assis [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada Machado de Assis: um conhecedor da alma humana, disponível em <http://bit.ly/ihuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da IHU On-Line)

9 Mário de Andrade (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro Paulicéia desvairada, em 1922. Foi a força motriz por trás da Semana de Arte Moderna, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance Macunaima foi publicado em 1928. (Nota da IHU On-Line)

10 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como A metamorfose, O processo e O castelo, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterrorizantes, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo "kafkiano" popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

11 Luigi Pirandello (1867-1936): foi um dramaturgo, poeta e romancista siciliano. Foi um grande renovador do teatro, com profundo sentido de humor e grande originalidade. Suas obras mais famosas são: Seis personagens à procura de um autor, Assim é, se lhe parece, Cada um a seu modo e os romances O falecido Matias Pascal, Um, Nenhum e Cem Mil e Esta Noite Improvisa-se. Sua primeira peça de teatro foi O Torniquete escrita entre 1899 e 1900 e encenada pela primeira vez em 1910. Recebeu o Nobel de Literatura de 1934. Luigi Pirandello participou da campanha "coleta do ouro", organizada pelo ditador italiano Benito Mussolini, que visava levantar fundos para o país. A campanha era uma resposta à Liga Nações que impôs sanções econômicas à Itália após esta ter invadido e declarado guerra a Etiópia (1935-36). Pirandello doou sua medalha do Prêmio Nobel à campanha. (Nota da IHU On-Line)

12 Virginia Woolf (1882-1941): escritora, ensaísta e editora inglesa nascida em Kensington. Conhecida como uma das mais proeminentes figuras do modernismo. Era integrante do Grupo de Bloomsbury, círculo de intelectuais que, após a Primeira Guerra Mundial, se posicionou contra as tradições literárias, políticas e sociais da Era Vitoriana. Estreou na literatura em 1915 com o romance A viagem, que abriu o caminho para a sua carreira como escritora e uma série de obras notáveis. Seus trabalhos mais famosos incluem os romances Mrs. Dalloway (1925), Ao Farol (1927) e Orlando (1928), assim como o ensaio Um teto todo seu (1929), onde encontra-se a famosa citação "Uma mulher deve ter dinheiro e um teto todo seu se ela quiser escrever ficção". Woolf apresentava crises de depressão. Em 1941, deixou um bilhete para seu marido, Leonard Woolf, e para a irmã, Vanessa Bell, despedindo-se das pessoas que mais amara na vida, e comete suicídio. (Nota da IHU On-Line)



do que não é espelho. Somos parte da carne do mundo e Clarice sabia disso¹⁴.

IHU On-Line – Como o bem e o mal são tratados na obra de Clarice Lispector?

Yudith Rosenbaum – O mal e o bem na obra de Clarice podem intercambiar lugares, ou seja, ninguém está isento de ocupar um dos lados da polaridade. Bastam certas condições propícias ou pressões extremas (assim mostra Hannah Arendt¹⁵ quando expõe a “banalidade do mal” em seu livro *Eichmann em Jerusalém*). Mas certas atitudes, que moralmente consideramos como más, surgem em Clarice como afirmações de modos de ser transgressores a certos padrões construídos e eternizados. Joana, de *Perto do coração selvagem*, é um feminino de exceção e sua recusa a cumprir o que dela se espera nos papéis de mãe e esposa pode ser um ato mau ou, ao contrário, um gesto em que o Bem se coloca acima do sistema. Ela é uma artista em formação e para isso precisa experimentar a vida fora dos laços que a amarram. E quando G.H. atravessa tabus no confronto com o imundo da barata, também parece subverter a moral do bem e do mal.

Ela quer o insosso, o neutro, o que não pertence ao binarismo certo/errado. Mas, antes que relativizemos tudo, Clarice não é ingênua de acreditar na ausência do mal. Thanatos, as pulsões de morte que a psicanálise teorizou, são um território presente na obra e podem conter também (mas não só) a agressividade pura, aquela que não é apenas uma reação de medo, por exemplo. Os policiais que matam com 13 tiros o bandido Mineirinho, em crônica famosa de 1964, são vistos pela autora como agentes do mal porque “uma bala bastava. O resto era vontade de matar”, diz ela na entrevista a Júlio Lerner na TV Cultura em 1977.

O texto da escritora quer falar deste “resto”, que a psicanálise entenderia como gozo com a morte de um ser indefeso. O psiquiatra e psicanalista Mário Eduardo Costa Pereira¹⁶ analisou muito bem essa crônica a partir deste viés. O outro é feito objeto do meu feroz desejo de aniquilação. Todos somos maus e todos somos bons. O sentido ético da vida nem sempre se coloca para um sujeito que abraça suas pulsões sem mediações simbólicas. O que diria Clarice de nossos tempos atuais em que se abriu a caixa de

14 Os estudos de Regina Pontieri sobre Clarice vão nesta direção na obra *Clarice Lispector. Uma poética do olhar* (Ateliê Editorial, 1999). (Nota da entrevistada)

15 Hannah Arendt (1906-1975): filósofa e socióloga alemã, de origem judaica. Foi influenciada por Husserl, Heidegger e Karl Jaspers. Em consequência das perseguições nazistas, em 1941, partiu para os Estados Unidos, onde escreveu grande parte das suas obras. Lecionou nas principais universidades deste país. Sua filosofia assenta em uma crítica à sociedade de massas e à sua tendência para atomizar os indivíduos. Preconiza um regresso a uma concepção política separada da esfera econômica, tendo como modelo de inspiração a antiga cidade grega. A edição 438 da IHU On-Line, *A Banalidade do Mal*, de 24-3-2014, disponível em <https://goo.gl/QqtQjz>, abordou o trabalho da filósofa. Sobre Arendt, confira ainda as edições 168 da IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título *Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX*, disponível em <http://bit.ly/ihuon168>, e 206, de 27-11-2006, intitulada *O mundo moderno é o mundo sem política*. Hannah Arendt 1906-1975, disponível em <https://goo.gl/uNWy8u>. (Nota da IHU On-Line)

16



Pandora e vivemos um “salve-se quem puder”? No entanto, como eu disse acima, há o Bem que pode ser cultivado comunitariamente, como se lê no belo texto “A repartição dos pães”, no qual a generosidade, a solidariedade, a graça de compartilhar pelo puro gesto amoroso geram um estado sagrado entre seres que se desconhecem mas se encontram na dádiva da partilha desinteressada.

IHU On-Line – Como existir diante de um Outro? Seria esse o maior mistério da vida?

Yudith Rosenbaum – É importante registrar que o lugar do outro na obra de Clarice é central, já que o eu só pode ser um eu diante de um outro que o reconhece como tal. O eu se reflete e se embate com o outro para que exista como um eu. No início da nossa existência, não há um eu autônomo e sim uma indiscriminação entre dentro e fora, entre eu e o outro. O bebê toma o seio como o ser total no qual ele está fundido. O processo de diferenciação lento e gradual permite que se constitua um sujeito, entre identificações e estranhamentos, projeções e expulsões do que é sentido como ruim para o bebê e introjeções do que é vivido como bom e agradável. Melanie Klein¹⁷ teorizou sobre a constituição do que chamou de “objetos internos”, que buscariam organizar o caos e a angústia do bebê diante do que o ameaça intrassubjetivamente (a fome, o frio, dores etc.) e também do mundo externo. O que está fora do sujeito e se torna um outro para ele acaba recebendo a carga emocional e afetiva de muitos “objetos internos”. A mãe interna pode não corresponder à mãe externa etc. Portanto, o outro como alteridade ao eu é a resultante de um longo caminho de encontros e desencontros entre o ser humano (que nasce sempre prematuro e desaparelhado) e o mundo que o recebe. Klein mostra como as fantasias participam desse processo de constituição de objetos e os tantos outros – pais, irmãos, amigos, professores etc. – são objetos atravessados pelos nossos desejos amorosos e/ou raivosos, fantasias de incorporação e/ou destruição.

Na obra de Clarice, o outro pode ser uma pessoa, um animal, uma coisa material, um alimento (vide a importância do ovo no conto “O ovo e a galinha” ou no conto “Uma galinha”.) Como “outro”, cada ser se mostra como diferença em relação ao eu, mas também como um espelho, um duplo que traz identificações muitas vezes ameaçadoras. A figura da barata, por exemplo, a princípio uma alteridade radical à espécie humana, porta algo que enoja e atrai, ao mesmo tempo, a protagonista G.H. O inseto repugnante acaba condensando simbolicamente o que foi expulso da consciência como indesejável e o primeiro gesto de G.H. (tão natural e comum) é esmagar a barata na porta do armário. É preciso destruir no ser abjeto a primitividade negada e o selvagem recalcado, projetados para fora de G.H. para que ela se livre de

17 Melanie Klein (1882-1960): psicanalista austríaca, conhecida por suas atividades de Psicanálise de crianças, muitas vezes criticando as idéias de Anna Freud. Uma de suas obras mais famosas é A psicanálise da criança. (Nota da IHU On-Line)



suas impurezas. Todos nós, pequenos narcisos, fazemos isso para nos proteger. Como também a narradora de “A quinta história”, do livro *A legião estrangeira* (1964). Os dois textos precisam ser lidos juntos, pois se a dona de casa do conto não suporta se ver impura e quer matar “todas as baratas que existem” (elas seriam nosso desassossego), G.H., por outro lado, enfrenta o duelo com o outro e termina por incorporar o inumano da barata como matéria viva do humano. Em ato ritualístico e transgressor, comunga com a massa branca, esse componente ancestral do qual o ser humano se afastou para ser pessoa cultural.

Portanto, há uma familiaridade incômoda neste ser tão avesso à nossa humanidade, mas que também é parte dela. Não é isso que Freud nos ensina no ensaio *O infamiliar* (*Das unheimliche*), de 1919? O outro em Clarice é a aparição, entre nojo e fascínio, do nosso estranho familiar, do que no passado já nos foi conhecido e tornou-se estranho em função do recalque. Ele é “tudo o que deveria ter ficado oculto, mas vem à tona”, frase de Schelling¹⁸ citado por Freud em seu ensaio. Galinhas, búfalos, ovos, cachorros, rosas, livros, pintinho e tantos outros espalham-se na obra de Clarice trazendo de volta o que foi esquecido no inconsciente e precisa ser reassimilado. A estranheza com que reagem as personagens de Clarice diante desses múltiplos outros as leva à transformação de si mesmas.

O eu e o outro não se excluem para a nossa escritora, posto que são partes do mesmo e precisam ser vividos em sua radicalidade e respeitados em sua singularidade. É o caso do conto *A bela e a fera* ou *a ferida grande demais*, em que uma burguesa encontra na calçada um mendigo com uma ferida na perna. Após uma difícil conversa entre eles, ela percebe que a ferida do pobre atualiza as feridas internas que ela não consegue cicatrizar em si mesma. Eu e outro novamente se afastam e se aproximam. O que sou para o outro? Como me vê? Como eu o vejo? Como podemos ser diferentes sendo semelhantes?

Nada resume melhor essa complexa dinâmica do que o pequeno trecho intitulado “A experiência maior”, publicado em *A descoberta do mundo*, de 1984, livro póstumo que reúne as crônicas do *Jornal do Brasil* (1967-1973):

“Eu antes tinha querido ser os outros para conhecer o que não era eu. Entendi então que eu já tinha sido os outros e isso era fácil. Minha experiência maior era ser o âmago dos outros: e o âmago dos outros era eu” (6/11/1971).

18 Friedrich Schelling (Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, 1775-1854): filósofo alemão. Suas primeiras obras são geralmente vistas como um elo importante entre Kant e Fichte, de um lado, e Hegel, de outro. Essas obras são representativas do idealismo e do romantismo alemães. Criticou a filosofia de Hegel como “filosofia negativa”. Schelling tentou desenvolver uma “filosofia positiva”, que influenciou o existencialismo. Entrou para o seminário teológico de Tübingen aos 16 anos. (Nota da IHU On-Line)

Escrever como missão, uma literatura em direção à mística

Maria Clara Bingemer perscruta os encontros com Deus e com a espiritualidade nas obras de Clarice Lispector

Ricardo Machado



Muitas são as dimensões da literatura que nos conectam com a mística, sobretudo quando estamos diante de obras como a de Clarice Lispector, cuja escrita é assumida como missão. “Clarice faz em suas obras uma jornada de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Esse é seu tema, seu assunto, seu interesse. Não sendo uma pessoa religiosa, no entanto a presença de Deus é uma constante em muitos de seus escritos, direta ou indiretamente”, pondera a professora e pesquisadora Maria Clara Bingemer, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Compreendendo a experi-

ência mística como uma relação com o mistério divino, a entrevistada ressalta ser possível “afirmar que Clarice narra em seus romances verdadeiras experiências místicas. Suas personagens não recuam diante de nada na ânsia de chegar ao mais profundo de sua condição humana e à comunhão com o outro”.

“O Deus que se revela na obra de Clarice está mais perto do Deus de Israel do que do Deus do Cristianismo. É o Totalmente Outro que se revela mas mantém sua majestade e sua diferença para com o ser humano que, no entanto, o deseja e o busca”, complementa.



Maria Clara Lucchetti Bingemer possui graduação em Comunicação Social e mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e doutorado em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Gregoriana - PUG. É professora na PUC-Rio. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Teologia Sistemática, atuando principalmente nos seguintes temas: Deus, alteridade, mulher, violência e espiritualidade.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – Para você, quem foi Clarice Lispector?

Maria Clara Bingemer – Para mim foi certamente uma das maiores escritoras brasileiras, talvez a maior, incluídos aí homens e mulheres. Sua escrita jorra sobre o papel, é vida pura, vida que sai das entranhas. Ela mesma de certa forma diz que sua escrita é salvífica. Ela a quis primeiro salvífica para outros, concretamente para sua mãe, que era profundamente doente. Sua biografia escrita por Benjamin Moser¹ narra um episódio terrível que se passou com sua mãe quando ela ainda não era nascida. A mãe adoeceu profundamente depois disso. E lhe disseram que a gravidez poderia curá-la da doença. Foi então que Clarice foi concebida, com essa missão de salvar a vida da mãe. Não conseguiu fazê-lo. Mania Lispector² faleceu com Clarice ainda nos seus jovens anos. Mas enquanto pôde conviver com ela, Clarice criava histórias para contar-lhe. Depois de sua morte, continua a escrever, muito por salvar-se a si mesma. E sua escrita acaba tendo realmente esse poder de salvação para muitos dos seus leitores. E para ela também, tal como testemunha em vários de seus livros, quando diz: “esse livro é mais do que eu...” e outras afirmações assim. Por isso para mim Clarice é alguém que é uma escritora talentosíssima, mas a quem o ofício de escritor é dado e assumido como missão.

IHU On-Line – O que significa a obra literária de Clarice Lispector?

Maria Clara Bingemer – Clarice tem um significado importantíssimo para as letras brasileiras. Não só para dentro do território nacional, em termos do público brasileiro. Hoje ela é estudada em muitíssimos países e seus livros traduzidos em vários idiomas. Sua escrita transcendeu os limites da língua e das

¹ Benjamin Moser (1976): Nascido em Houston, em 1976, Moser cursou o ensino médio no Texas e na França, antes de se formar em licenciatura em História pela Universidade Brown. Obteve seu doutoramento (título de PhD) e mestrado pela Universidade de Utrecht. Fluente em seis idiomas, o autor já publicou traduções do neerlandês, francês, espanhol e português, língua a qual decidiu aprender após um breve contato com o chinês. (Nota da IHU On-Line)

² O nome completo da mãe de Clarice era Mania Krimgold Lispector. (Nota da IHU On-Line)

fronteiras físicas e atingiu outras latitudes, levando sentido e inspiração a outras culturas. Isso me parece que radica em sua obra literária profundamente humana, mergulha no fundo da condição humana e aí encontra sua inspiração mais autêntica e genuína. Clarice faz em suas obras uma jornada de autoconhecimento e de conhecimento do outro. Esse é seu tema, seu assunto, seu interesse. E isso nela acontece de uma maneira especialmente intensa, fazendo com que sua produção literária seja algo que não deixa de chegar a nenhum leitor. Qualquer um, qualquer uma, poderá sentir-se identificado com o que jorra das entranhas inspiradas da escritora. Daí a enorme importância que tem hoje como sempre e talvez mais que nunca, quando a humanidade está em debate com sua condição, procurando sua verdadeira identidade, questionada sobre o real sentido de seu ser e estar no mundo.

IHU On-Line – Clarice tem sua obra revisitada agora desde a teologia. Como se dá essa descoberta? E que chaves à teologia seus escritos revelam?

Maria Clara Bingemer – Clarice é judia de origem e isso é uma marca indelével em sua escrita, ainda que não assumida explicitamente por ela. Vários testemunhos recentes de amigos próximos e pessoas que a conheceram bem relatam como ela rejeitava essa identificação de judia. Insistia em que era brasileira. No entanto, é impossível não ver, sobretudo, em seus escritos como sua judeidade está presente. Como muitos outros judeus em diáspora, Clarice viveu em um país de cultura cristã, predominantemente católica. Enquanto foi casada com Maury Gurgel Valente³, que era diplomata, viajou e viveu em outros países, também convivendo com a cultura dos mesmos, cristã em geral. Não sendo uma pessoa religiosa, no entanto a presença de Deus é uma constante em muitos de seus escritos, direta ou indiretamente. E quem conhece teologia percebe aí os contornos dessa presença divina, Alteridade Maior e Transcendente com quem ela dialoga, que segura sua mão e a leva a descobrir coisas maiores que ela mesma. Por exemplo em *A Paixão segundo G.H.*, é bem claro esse itinerário conduzido por Outro que no final a faz entrar em comunhão com o ínfimo da matéria e aí experimentar a adoração. Já em seu último romance, *A hora da estrela*, a descoberta dessa Alteridade se dá no outro carente, vulnerável, no pobre, personalizado na moça nordestina que vive oprimida na cidade grande.

Clarice se aproxima com esse escrito das melhores intuições da Teologia latino-americana, concretamente a Teologia da Libertação, no sentido de encontrar sua origem no encontro com o Senhor no rosto do pobre. Citamos essas duas obras, mas há muitas mais incidências de chaves teológicas na obra clariciana. E hoje há bons estudos sobretudo sobre suas raízes judaicas presentes

³ Maury Gurgel Valente (1921-1994): é um ex - diplomata brasileiro, foi marido da escritora Clarice Lispector. (Nota da IHU On-Line)

e latentes na escrita dessa que não sabia definir claramente sua pertença de fê.

IHU On-Line – É possível dizer que a literatura de Clarice Lispector é mística?

Maria Clara Bingemer – Penso que isso é indiscutível se se entende mística como conhecimento de Deus por experiência. Entendo por experiência mística a experiência de relação íntima e intensa com o mistério divino, que leva ao conhecimento do mesmo por revelação. Os processos da experiência mística tendem à união de amor entre o místico/a e Deus⁴.

A partir disso, creio poder-se afirmar que Clarice narra em seus romances verdadeiras experiências místicas. Suas personagens não recuam diante de nada na ânsia de chegar ao mais profundo de sua condição humana e à comunhão com o outro. E nesse itinerário encontram ou são acompanhadas por essa Alteridade Maior que se faz presente sem dizer o nome, que emudece a linguagem, abrindo o espaço silencioso para a adoração.

Nesta peregrinação ao fundo de si mesma e ao encontro do outro, está latente o desejo da experiência e do conhecimento de Deus. E as experiências de Clarice vão acontecer em toda a sua pessoa, integrando corporeidade, inteligência e sensibilidade. Assim, sua escrita dará testemunho desta experiência vital ou mesmo da nostalgia da mesma e muito especialmente do Totalmente Outro que lhe permite experimentar e ser experimentada e afetada.

IHU On-Line – Em que sentido a obra clariciana exprime uma certa mística? De que ordem é esta mística?

Maria Clara Bingemer – Seguindo o que acabo de dizer acima, a obra clariciana sim exprime uma certa mística. Nélida Piñon⁵, grande amiga da escritora, afirma que Clarice é uma mística errática, sem filiação institucional precisa, sem uma religião determinada. Mas afirma que é uma mística. E toda a obra da escritora está perpassada por esse desejo maior, essa dinâmica de contínua autotranscendência que caracteriza o ser humano segundo a teologia. Assim, embora a mística que se encontra na literatura de Clarice não possa ser identificada com esta ou aquela religião, inegavelmente se pode nela reconhecer suas raízes judaicas e outros traços que se encontram presentes inclusive em outras tradições, como a compaixão, a misericórdia, a humildade,

4 Sobre o tema, ver meu livro *O mistério e o mundo. Paixão por Deus em tempos de descrença* (Rio de Janeiro: Rocco, 2013). (Nota da entrevistada)

5 Nélida Piñon (1937): escritora brasileira, Imortal da Academia Brasileira. Formou-se em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi editora e membro do conselho editorial de várias revistas no Brasil e exterior. Também ocupou cargos no conselho consultivo de diversas entidades culturais em sua cidade natal. Estreou na literatura com o romance "Guia-mapa de Gabriel Arcanjo", publicado em 1961, que tem como temas o pecado, o perdão e a relação dos mortais com Deus. (Nota da IHU On-Line)

a kenosis ou abaixamento, a comunhão com o diferente e até mesmo com o que é ou parece inferior, a alegria sem razão nenhuma, totalmente gratuita, que é dom não pedido nem merecido.

As personagens de Clarice fazem uma experiência mística, de união com o mistério, seja descendo ao fundo do criado como condição de comunhão, seja na compaixão que olha o outro em sua dor, em uma alteridade que só na morte encontrará sua libertação. A nosso ver, pode-se perceber a presença do mistério de Deus na experiência vital e na obra literária de Clarice, acenando para a condição constitutiva do ser humano como ser em contínua autotranscendência.

IHU On-Line – Em que obras, particularmente, esta dimensão mística de sua literatura aparece de forma mais evidenciada?

Maria Clara Bingemer – Eu diria que em todas, mas muito especialmente na Paixão segundo G.H. quando a escritora descreve o itinerário kenótico da personagem que sai de sua zona de conforto para ir para baixo. Ali recebe a revelação luminosa sobre sua pessoa mesma, assim também como sobre o mundo, sobre o outro, sobre a futilidade de sua vida, sobre o sentido da vida humana, sobre a necessidade de ir ao mais ínfimo para ali comungar e entrar em contato com a matéria a fim de encontrar a transcendência. O itinerário da personagem G.H. termina na adoração, que é a linguagem do silêncio que louva, que crê, que espera, e que é indizível e inefável. Não pode ser dito com palavras humanas.

Também na Hora da Estrela aparece uma dimensão mística mais horizontal, mais engajada, na compaixão que suscita no narrador – Clarice – o drama da pobreza e da opressão vividos por uma moça nordestina, Macabéa. Macabéa é nome bíblico, hebraico, remete aos Macabeus, movimento judeu de libertação, que gerou mártires. A vida de Macabéa é um martírio, um testemunho, que denuncia a desigualdade injusta da sociedade e aponta os pobres e humilhados como os privilegiados de Deus. A forma como Clarice descreve a vida “de menos” e o corpo “criado” da moça vão desembocar na narrativa de sua morte que é para o olhar teológico narrativa absolutamente pascal. E há toda uma mística por trás da narrativa que se encontra com o melhor da tradição judaico-cristã, onde fé e justiça andam de mãos dadas.

IHU On-Line – Que Deus se revela na obra de Clarice? Como ela ultrapassa as tentações de um Deus banalizante em direção a um Deus místico?

Maria Clara Bingemer – O Deus que se revela na obra de Clarice está mais perto do Deus de Israel do que do Deus do Cris-

tianismo. É o Totalmente Outro que se revela mas mantém sua majestade e sua diferença para com o ser humano que, no entanto, o deseja e o busca. Mas esse Deus vem ao encontro do desejo humano e abre as portas de um mergulho existencial mais profundo, propicia uma saída da banalidade das coisas e oferece ao ser humano um encontro em profundidade consigo mesmo e com o outro.

De acordo com a mística bíblica, o Deus de Clarice se dá pela mediação do encontro consigo mesmo e pelas relações humanas que revelam a cada um o que é e dizem da identidade própria e do outro. Assim o Deus que se revela na obra de Clarice não passa pelas mediações religiosas mais canônicas, das religiões institucionais, mas acontece no fundo mais profundo da vida humana: na relação amorosa, na tomada de consciência sobre o sentido da vida, no mergulho kenótico existencial até o mais baixo da realidade, na pobreza e vulnerabilidade do outro que, qual epifania, se manifesta questionando o ego.

Clarice ao longo de sua obra deixa transparecer essa busca e esse encontro incessante com esse Deus, que às vezes tenta expressar na linguagem, muitas vezes sem consegui-lo. Como tão bem expressou a escritora em outra obra, *Água Viva*: “Há muita coisa a dizer que não sei como dizer. Faltam as palavras. Mas recuso-me a inventar novas: as que existem já devem dizer o que se consegue dizer e o que é proibido. E o que é proibido eu adivinho. Se houver força. Atrás do pensamento não há palavras: é-se. Minha pintura não tem palavras: fica atrás do pensamento. Nesse terreno do é-se sou puro êxtase cristalino. É-se. Sou-me. Tu te és.”

Ou ainda em carta a Lúcio Cardoso: “Deus me chama a si quando eu necessito dele... É que eu não sou senão um estado potencial, sentindo que há em mim água fresca, mas sem descobrir onde está sua fonte”.

IHU On-Line – Em sentido mais amplo, como a literatura pode ser um exercício de ascese espiritual?

Maria Clara Bingemer – Como toda arte – e aqui falamos de arte da palavra – a literatura encontra sua fonte na inspiração. E o artista é chamado a responder a essa inspiração que ele não sabe de onde vem, mas apenas que vem. Por isso a teologia e a literatura têm afinidades evidentes. Ambas dependem dessa inspiração. E ambas demandam uma ascese, ou seja, um exercício espiritual para que cheguem a acontecer.

O trabalho artístico e o teológico exigem dedicação, purificação, disciplina, humildade, abertura e sobretudo escuta, que se dá no silêncio e na atenção ao outro, ao mundo, ao mistério. Então a literatura é sem dúvida e pode ser sempre mais um exercício



não só de ascese, mas de experiência espiritual às vezes dolorosa, mas também gozosa.

IHU On-Line – O que é e como podemos compreender o significado de teopoética?

Maria Clara Bingemer – Uma das características do ser humano, uma das “constantes” que aparece em sua identidade constitutiva é o dom de passar além do sensorial e aceder ao espiritual. E aqui entendemos por “espiritual” tudo aquilo que direta ou indiretamente se encontra conectado com o espírito, com a dimensão humana que passa além dos cinco sentidos. Está incluída aí a estética sob as suas diversas formas. E também a religião.

O Espírito informa e conforma a corporeidade e faz com que o ser humano seja o terreno fértil e propício para que a Palavra – que não tem origem manipulável e direta, mas vem de uma não origem, de mais longe do que um palpável começo – encontre morada e acolhida. Para falar deste mistério, conceitos e enunciados são importantes e pertinentes, mas os místicos e poetas de todos os tempos nos dizem que há mais possibilidades, sempre abertas, de propor o discurso teológico. Há maneiras de falar de Deus mais poéticas, evocativas, empatizantes, performativas, implicantes, esperanças... que movem mais o leitor que a simples “passividade” assimilativa...

A teologia se entende como discurso sobre Deus, mas não é tanto chamada a falar “sobre” a espiritualidade, mas a ser ela mesma um “discurso espiritual”. Teologia e espiritualidade não podem dissociar-se sob pena de desvertebrar a primeira e banalizar a segunda. A teologia deve ser uma aventura espiritual concreta. Não somente “teopoética” mas “teo-práxis”. Mais precisamente ainda, uma “teo-poiética”.

Há, portanto, momentos e situações em que para entrar em contato com o Mistério que o habita sob a forma de desejo e sede, o ser humano recorre à linguagem poética para fazê-lo. Se ainda restam dúvidas, basta voltar-se para a Bíblia. Ali podem ser encontrados diversos gêneros literários e o poético, o estético, o hínico, a invocação, o louvor, nos vêm ao encontro em cada linha e em cada letra. É novamente Ricoeur⁶ que nos vai advertir que através de todos estes gêneros e estilos, que são como um bordado multicolor e complexo, passa um fio mais espesso, que e como uma me-

⁶ Paul Ricoeur (1913-2005): filósofo francês. Sobre ele, conferir o artigo intitulado Imaginar a paz ou sonhá-la?, publicado na edição 49 da IHU On-Line, de 24-02-2003, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon49> e uma entrevista na edição 50 que pode ser acessada em <http://bit.ly/ihuon50>. A edição 142, de 23-05-2005, publicou a editoria Memória sobre Ricoeur, em função de seu falecimento. Confira o material em <http://bit.ly/ihuon142>. A formação de Ricoeur se dá em contato com as ideias do existencialismo, do personalismo e da fenomenologia. Suas obras importantes são: A filosofia da vontade (primeira parte: O voluntário e o involuntário, 1950; segunda parte: Finitude e culpa, 1960, em dois volumes: O homem falível e A simbólica do mal). De 1969 é O conflito das interpretações. Em 1975 apareceu A metáfora viva. O sentido do trabalho filosófico de Ricoeur deve ser visto em uma teoria da pessoa humana; conceito - o de pessoa - reconquistado no termo de longa peregrinação dentro das produções simbólicas do homem e depois das destruições provocadas pelos mestres da “escola da suspeita”. (Nota da IHU On-Line)



dula vertebral, carregando uma revelação misteriosa e próxima: a revelação do mistério divino, personagem central do texto, “coisa” do texto. E por trás do texto e dos gêneros – profético, narrativo, prescritivo, sapiencial ou hínico – palpita a experiência de Alguém que se esconde e se mostra através da palavra, da música, do canto. Alguém que é mais que palavra, que é pessoa que se deixa experimentar como mistério de encontro e amor.

Por isso, a importância da Teopoética, que aproxima e cruza teologia e poesia, teologia e literatura, teologia e estética de um modo geral. Diante da suspeita de que a estética seja alienante, pode-se sustentar que muitas vezes é a leitura de uma obra literária, a experiência da recitação de um poema, o ouvir de uma música, o ritmo de uma celebração os que provocam a experiência espiritual que, por sua vez, gera a teologia.

O teólogo aí é o poeta da Palavra de Deus, seu bardo, seu cantor, que “não escolhe seu cantar, mas canta o mundo que vê”, que “louva o que é para ser louvado” e se cala, cala-se a vida, porque a vida é todo um canto. E se o cantor do Mistério silenciar, morrem de espanto a esperança, a luz e a alegria. Os pobres ficam sozinhos, pois já não têm quem fale por eles.

O desgaste das fórmulas, o envelhecimento das rubricas, a rigidez dos documentos, tudo isso conclama a novas formas, novos poemas, nova teopoética que seja ao mesmo tempo teopoiética. E a teologia cristã é chamada, com a ajuda da “nuvem de testemunhas” que iluminam estes mais de 2000 anos de estrada, a “dar razão “desta esperança partindo dos êxtases dos místicos, da beleza das liturgias, da inspiração da poesia, da vitalidade da literatura, do dom divino da música. Em suma, das maravilhas que o Espírito de Deus cria e recria sem cessar na carne e no espírito humanos.

O teólogo, portanto, está longe de ser um repetidor de formulações dogmáticas, mas é chamado mais que nunca a ser um hermenauta da experiência do divino na sua fé e em diálogo com outras religiões e outras áreas de saber; um poeta da sede de Deus e da fonte de água viva que a sacia.





Alyne Costa - Minha tese em quatro perguntas



Alyne de Castro Costa é graduada em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, mestra e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. A tese é intitulada ***Cosmopolíticas da Terra: Modos de existência e resistência no Antropoceno.***

Qual o tema da sua tese?

Na tese tentei investigar, sob uma perspectiva filosófica, o que significa resistir no Antropoceno, a nova época geológica marcada pelo colapso ecológico global. Baseei-me em trabalhos nos campos da filosofia e da antropologia, relatórios científicos e práticas políticas para traçar um panorama dos diversos modos de conceber a relação com a Terra e seus seres, modos esses que excedem a oposição natureza/cultura da cosmovisão ocidental.

Qual problema ela discute?

A pesquisa nasceu de uma dupla preocupação: como aceitar o que a ciência diz sobre o colapso ecológico global sem desqualificar outros modos de produzir conhecimento (por exemplo, o de povos indígenas e tradicionais)? Assim, na tese tentei entrelaçar discursos científicos, cosmologias indígenas e movimentos ecológicos para imaginar possibilidades mais justas e plurais para a vida no Antropoceno.

Quais foram os resultados?

Pela natureza especulativa da tese, é difícil falar em resultados. Talvez a maior contribuição da pesquisa tenha sido partir do problema da unidade sem unicidade da Terra (isto é, considerar como legítimos também outras cosmovisões do mundo, assim como os diagnósticos desses outros povos sobre os problemas ambientais) para pensar saídas que refletissem e respeitassem essa pluralidade de modos de conceber e habitar a Terra.

Quais seus interesses de pesquisa?

Interessam-me as discussões e trabalhos sobre crise ambiental e Antropoceno desenvolvidos sobretudo na filosofia, na antropologia e nas artes, mas tenho pesquisado também sobre negacionismos, conspiracionismos e pós-verdade, contribuições feministas para o debate ecológico e novos paradigmas de divulgação científica para produzir maior engajamento social, além de outros temas ligados à relação entre ciência e sociedade.



O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou?

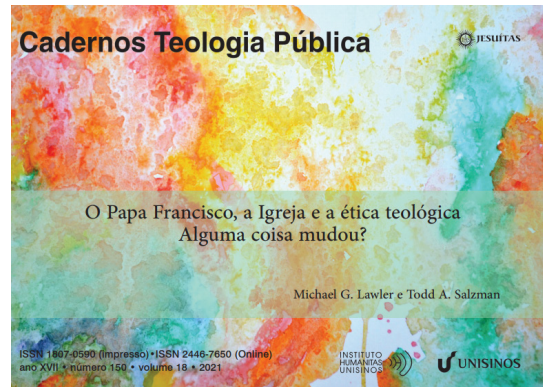
Este ensaio pergunta-se se algo doutrinal ou moral mudou na Igreja Católica durante o pontificado do Papa Francisco. Para responder a essa questão, consideramos os seus ensinamentos sobre igreja, prática pastoral, ética social e sexual e mudança climática. A nossa resposta é que Francisco não alterou nada em termos doutrinários, mas transformou seriamente a abordagem pastoral da Igreja junto aos católicos e as questões morais que os afligem.



Michael G. Lawler é professor emérito em Teologia na Universidade de Creighton. Publicou em coautoria com Todd A. Salzman *The Sexual Person: Toward a Renewed Catholic Anthropology* (Georgetown, 2008), livro este também publicado em português com o título “A Pessoa sexual. Por uma antropologia católica renovada” (Editora Unisinos, 2012).



Todd A. Salzman é professor emérito em Teologia na Universidade de Creighton. Publicou em coautoria com Michael G. Lawler *The Sexual Person: Toward a Renewed Catholic Anthropology* (Georgetown, 2008), livro este também publicado em português com o título “A Pessoa sexual. Por uma antropologia católica renovada” (Editora Unisinos, 2012).



Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro

O artigo discute os direitos humanos como parâmetro das democracias contemporâneas do século XXI, incluindo o Brasil. Tem o propósito de argumentar que o direito é historicamente construído nas contingências e nas circunstâncias culturais das sociedades. A filosofia, portanto, tem importância fundamental na construção do modelo democrático que se experimenta nos dias atuais, pois é por meio da dialética no silogismo aristotélico que se constrói o litígio do contraditório no ordenamento legal contemporâneo. Traz à discussão, em tom de fundamentação teórica, a conjuntura internacional dos direitos humanos de agendas positivas situadas nas práticas econômicas liberais do século XX voltados para a qualidade de vida planetária.



José Dalvo Santiago da Cruz, amazonense de Humaitá, professor de filosofia e antropologia. Atuou como professor de alfabetização em área indígena Waimiri-Atroari (Amazonas) e Yanomami (Amazonas), professor de filosofia e de antropologia em faculdades particulares e na Universidade do Estado do Amazonas. cursou filosofia na FAI em São Paulo, Antropologia na Amazônia na UFAM em Manaus e Educação na PUC-SP. Publicou e-book intitulado “Índios na diversidade cultural e histórica brasileira, filosofia e ética”.



Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br. Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

Outras edições em www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores



Clarice Lispector. Uma pomba na busca eterna pelo ninho

Edição 228 – Ano 7 – 17-7-2007

Há 30 anos morria Clarice Lispector. Três décadas não foram capazes de calar sua voz e o impacto de seus escritos. Essa edição da revista IHU On-Line propicia uma oportunidade para entender melhor a vida e a obra desta mulher que não sabia se definir. Clarice parecia estar eternamente em busca de sua casa, de seu ninho, de seu eixo.



O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia

Edição 251 – Ano 8 – 17-3-2008

Literatura e teologia têm algo a ver? A tensa relação entre ambas foi captada por Drummond, quando este escreve um verso que soa como a encruzilhada do eu lírico desesperado: “Meu Deus e meu conflito”. Trata-se de um conflito muito rico, que não pode ser jogado fora nem por uma “literatura edificante” nem por uma “religiosidade melosa”, do estilo new age.



O feminino e o Mistério. A contribuição das mulheres para a Mística

Edição 385 – Ano 11 – 19-12-2011

A contribuição de mulheres como Hildegard de Bingen, Marguerite Porete, Teresa de Ávila, Maria Madalena, Rabi'a al-'Adawiyya, entre outras, para uma compreensão mais profunda do que é a Mística é o tema de capa dessa edição da IHU On-Line.



ihu.unisinos.br | ihuonline.unisinos.br

 twitter.com/_ihu  bit.ly/faceihu  bit.ly/instaihu  bit.ly/youtubeihu